NOVELLAE OLIVARUM

ANO XVI NÚMERO 159 FEVEREIRO 1959

O ANO LITÚRGICO — Fernando Micael 33

O PROBLEMA DE JESUS — António Henrique 36

O PROBLEMA DAS IGREJAS PROVISÓRIAS — Carlos Pessoa Pais 52

PANORAMA — O Sacramento da Confirmação — A. Ramos Fontes 58

BIBLIOGRAFIA — Les Ouvriers et la Vierge-Marie — Avelino Pinto 63

CASA Peyroteo

ARTIGOS DE 1.ª QUALIDADE PARA TODOS OS DESPORTOS

Sociedel

Soc. Com. de Artigos de Desporto, Lda.

Rua Nova do Almada, 52 ◆ LISBOA

Cem anos!

Velas de Cardigos

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

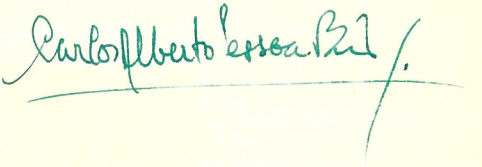
Telef. 5 - B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo Clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas.

●

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Premiada em 7 Exposições: 4 Estrangeiras - 3 Nacionais



NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

Director — FERNANDO MICAEL

Redactores — AVELINO PINTO — ANTÓNIO SERRÃO

Administradores — ANTÓNIO DOS REIS — JOÃO DO NASCIMENTO

Proprietário e Editor — ADALBERTO R. FONTES

Com a aprovação da autoridade eclesiástica

Tipografia - Escolas Profissionais Salesianas - Oficinas de S. José - Lisboa

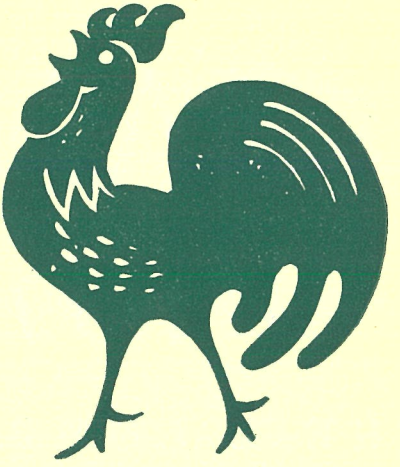
A PATHÉ-BABY PORTUGAL, LDA. tem a honra de apresentar o filme 16 m m sonoro,

NOITE DE PÁSCOA

(LA NUIT DE PAQUES)

PREMIADO NO FESTIVAL DE VENEZA

Uma realização de **Philippe Agostini.**
Conselheiro eclesiástico: **R. P. Fleuret.**



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

PATHÉ-BABY PORTUGAL, LDA.

LISBOA — R. S. Nicolau, 22-Tel.: 20921 ◆ **PORTO** — R. Sta. Catarina, 315-Tel.: 24304

NOVOS FILMES A CHEGAR BREVEMENTE

Fábrica **ADICO**

DE

ADELINO DIAS COSTA & C.ª L.da

AGENCIAS:

- **LISBOA** - Rua Nova do Almada, 61
- **PORTO** - Rua do Carmo, 8
- **COIMBRA** - Avenida Sá da Bandeira, 73

Mobiliário Metálico para todos os fins:

CIRÚRGICO
HOSPITALAR
DOMÉSTICO
DECORATIVO
CAFÉS
ESPLANADAS
EXPORTAÇÃO
(DESMONTÁVEL)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NA FÁBRICA **AVANCA** TEL., 2-TELEG. ADICO



FUNDADA EM 1756

"CENÁCULO"

VINHO PARA MISSAS

Com a aprovação de Sua Excelência Reverendíssima, o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
RUA DAS FLORES, 69

LISBOA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 14

O Café d'A Mariazinha
é inconfundível em cor,
aroma e paladar.
O nome d'A Mariazinha
é segura garantia

Rua Barros Queiroz, 28
Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B
— Frente à igreja —
Lisboa-5

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

●

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

●

Qualidades para todos os preços. Exclusivos-Secção de cachecóis e lanifícios de cor

●

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

O ANO LITÚRGICO

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ANO LITÚRGICO EM GERAL, PARA REALÇAR O SEU VALOR DE "TEMPO DA VIDA DA IGREJA"

Vive a Santa Igreja em cada ano que passa, o ciclo do Mistério do Senhor, celebrando o Ano Litúrgico.

Sempre igual a si próprio, traz-nos os «tempos», festas e celebrações distribuídas ao longo dos meses de tal forma que vivemos todos os anos os mesmos mistérios na mesma quadra do ano. Esta repetição cria hábitos e tradições. Vem Dezembro com o Advento na breve expectativa do Natal, por sua vez rodeado de alegres recordações, e de uma facilidade maior em nos sentirmos irmãos à volta do Menino deitado no presépio. Tempo em que vivemos como sendo a grande Família Cristã a quem foi dado um Filho, no Menino que vai nascer. Os meses frios do Inverno vestem-se de roxo e progressivamente vão-nos mergulhando cada vez mais na luta profunda que é a vida do homem sobre a terra. Luta que nos empenha totalmente, luta em que as nossas forças são ajudadas pela graça de Deus que sairá vencedor na nossa própria fraqueza. Tempo de austeridade, de trabalho, em que nos apagamos, em que nos vamos sentindo implicados cada vez mais na morte de Jesus, esperando a grande vitória pascal que será também vitória nossa — ressuscitaremos em Cristo. Vem por fim a grande caminhada pascal de Cristo triunfante, com os Domingos depois da Páscoa e com a força do Pentecostes que vai dar início a um tempo cheio de colheitas e de romarias por essas igrejas além.

A vida do povo cristão, a vida da Igreja, molda-se em cada ano sobre a vida do Senhor. São os grandes mistérios da vida de Cristo, que marcaram os estádios da vida dos cristãos. Todos os anos os mesmos mistérios e as mesmas vidas; todos os anos a mesma repetição sempre cheia de novidade.

O caminho da igreja é sempre novo. A Páscoa de cada ano é um novo triunfo como a Quaresma é uma nova purificação e o Natal um novo princípio. A Páscoa marca um início triunfal, o Pentecostes é no princípio cheio da força do Espírito, o Natal é o princípio da caminhada do grande Rei, a Quaresma, convertendo-nos, lança-nos a caminho da ressurreição. É a novidade sempre fresca da vida cristã. É a fecundidade maravilhosa da vida e do mistério do Senhor. É o Espírito de Jesus a penetrar a Sua Igreja, a enchê-la da sua força, da sua frescura, do seu valor.

Em cada Páscoa há cristãos que pela primeira vez triunfaram em Cristo, mas para todos esta ressurreição marca uma vida nova. A novidade da vida cristã participa do amor sempre novo de Deus pela Sua Igreja. A vida cristã é sempre um início porque é uma vida de amor. Amor que parte de Deus, amor que nos

deu o Senhor Jesus, amor que pelo Pai e pelo Filho nos foi enviado no dia do Pentecostes e que em nossos corações clama: Pai. A palavra que está em nossos lábios é o Verbo de Deus; a expressão do nosso amor é o próprio Espírito de Jesus.

Esta palavra com que respondemos a Deus — o Verbo de Deus feito homem — é dita por nós em comunidade, em Igreja. A expressão do nosso amor — o Espírito Santo — é como que a alma da Igreja. Falamos a Deus em Igreja. Amamos a Deus em Igreja. É como filhos de Deus que Lhe falamos, e o nosso amor é amor de filhos, mas nem a nossa palavra nem o nosso amor são exclusivamente nossos; são palavra e amor de todos os cristãos, são palavra e amor de Cristo. Cristo hoje não está só; está unido à Igreja como Sua Cabeça.

Nosso Senhor Jesus Cristo, — Verbo de Deus humanado, é o nosso medianeiro. É por Ele que nos vem a graça de Deus. Somos filhos de Deus em Jesus por estarmos enxertados n'Ele, por sermos ramos da Videira, membros do Corpo. Deus é nosso Pai sendo Pai do Filho que encarnou para nos salvar. Somos filhos de Deus no Filho de Deus.

A nossa vida de relações com Deus encontra em Jesus a sua expressão adequada.

A nossa religião não foi inventada por nós, não é o resultado do nosso esforço. A nossa religião foi-nos dada por Deus que amou o mundo a tal ponto que nos enviou o seu Filho Unigénito. Deus enviou-nos Jesus para que Ele fosse a expressão da nossa vida religiosa, do nosso amor para com Deus. Enviou-nos o Filho para que esse Filho «em quem o Pai põe todo o Seu enlevo», tome as nossas palavras e o nosso amor, para os fazer seus e os apresentar ao Pai.

O Filho de Deus toma as palavras, a vida, o trabalho, a pessoa de cada um de nós e toma-nos a nós todos. Une a Si a Sua Igreja. Foi a todos que salvou, é por todos que espalha a torrente do dom de Deus; é a todos que oferece no seu Sacrifício, é a todos que se entrega na participação desse mesmo Sacrifício para nos transformar em Si próprio. Todos unidos em Cristo! Esta palavra por vezes tão traiçoeira do nosso «amor em Cristo» não significa que é só por amor de Deus que nos suportamos uns aos outros, mas sim que Ele é o traço de união mais profundo que podemos encontrar para estarmos bem unidos, comungando na mesma Vida.

O Ano Litúrgico surge-nos como expressão comunitária, eclesial, da grande verdade de Cristo ser medianeiro com a Sua própria Vida, consumada no Calvário e na Ressurreição. Vida que já não é exclusivamente sua, mas vida da Igreja unida ao Senhor.

O Ano Litúrgico é antes de mais uma expressão comunitária, uma vez que encontra a sua manifestação mais solene e patente nas celebrações realizadas por toda a comunidade cristã. As festas são celebradas pela assembleia que é presidida pelo sacerdote. Na Igreja, se reunem todos os cristãos, no mesmo dia, formando idênticas assembleias, unidas na mesma oração. E toda a Igreja contempla e celebra os mesmos sagrados mistérios. Cada cristão sente-se integrado com a sua comunidade humana, na mesma assembleia cristã que está unida profundamente a toda a Igreja.

É certo que a liturgia tem de ser vivida interiormente. Ela própria cria tempos de contemplação, e de qualquer forma a liturgia não passa de uma faceta da vida

cristã: o seu lado sagrado. Mas este trabalho e vida bem pessoais, existem dentro de uma comunidade, de um corpo. O Ano litúrgico é para cada cristão o seu «tempo comunitário» de vida cristã, de exercício interno e externo da virtude de religião nos seus aspectos mais específicos.

Este «tempo comunitário» está centrado sobre a celebração dos mistérios do Senhor. A esperança messiânica no Advento, o Senhor — sol nascente — que vai crescendo do Natal até à Ressurreição, e a força do «Espírito de Jesus» que anima toda a Igreja realizando com o Senhor Ressuscitado a santificação dos homens, são três os grandes estádios que marcam toda a vida cristã. Mistério do Senhor que há-de vir, do Senhor que vive como nós, do Senhor glorioso. Mistério do homem que espera o dom de Deus, mistério do Homem-Deus, e do homem tornado «filho de Deus». É esta a vida de Jesus que a Igreja celebra. Vida de Jesus, que é vida do homem, vida da Igreja, vida do mundo em face do seu Deus! Como estamos longe dos mitos racionalistas e das reminiscências gregas e orientais dos «bem-pensantes» do princípio do século! A realidade divina da nossa salvação, une-nos em Cristo e associa-nos à vida do Filho de Deus, Cabeça da humanidade redimida. Foi esta a «palavra» dita por Deus, e é esta a vida traçada pela Igreja para nós vivermos. Mais um sinal comunitário deste «tempo comunitário» que é o Ano Litúrgico: esta vida, este tempo, foi traçado pela Igreja.

O sacrifício de Cristo, consumação da vida e da redenção do Senhor, é a consumação também, de todas as celebrações cristãs. Cristo morreu e ressuscitou, oferecendo-se e oferecendo-nos a Deus Pai como vítima agradável. Nós fomos mortos em Cristo, sepultados com Ele e n'Ele ressuscitados. Em cada celebração litúrgica, no seu ápice lá está o Sacrifício do Senhor, que nos oferece em Cristo, Hóstia pura, santa e imaculada, e do qual participamos recebendo o corpo, sangue alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo vivo tão real e perfeitamente como está no céu, glorioso!

«Tempo comunitário» o Ano Litúrgico é «tempo cristocêntrico» ou seja por outras palavras, é «tempo eclesial». A Igreja é a comunidade dos que são «filhos no Filho», é um «corpo» que tem a Cristo por Cabeça.

FERNANDO MICAEL

O PROBLEMA DE JESUS

(continuação)

2 — A ESCOLA ESCATOLÓGICA

Qualquer reflexão sobre a Escola Escatológica suscitará em muitos, adivinhamo-lo, a ideia dum total desperdício. Contudo, mais que esgrimir com moinhos de vento, pretendemos analisar a evolução da exege católica ao longo deste século situando-a frente aos problemas que em concreto foram surgindo, mesmo desprovidos de actualidade polémica. Encaradas as coisas por este prisma, talvez haja alguma vantagem em remexer a cinza.

Interessa-nos, por agora, circunscrever a nossa atenção a um elemento que constitui o fulcro da doutrinação evangélica e enche todo o horizonte bíblico mesmo o da Antiga Aliança: o **Reino de Deus.**(13) Este reino, como já se afirmou e com rara felicidade, não é só uma noção de Religião natural, a afirmação da Omnipotente Soberania Divina em face da contingência humana: é, sobretudo uma crença positiva e revelada que tem por objecto a realização dum desígnio gracioso de Deus sobre o povo da sua complacência. É curioso verificar a prevalência desta acepção sobre a primeira, geralmente verificada na literatura bíblica do após-Exílio.

Embora por vezes indigno da sua vocação, Israel jamais resignou à glória da sua condição de beneficiário das grandes promessas ou perdeu a consciência de ser a raça eleita do Senhor, como «Servidor» do Grande Rei que "com mão forte e braço estendido» o conduzia de vitória em vitória através das mais perigosas ameaças(14) para fazer dele a luz das gentes, a aliança dos povos e o mensageiro glorioso do Seu Nome até aos confins da terra.(15) Mas a «Esposa» dilecta de Iahvé(16) prostituiu-se no culto dos falsos deuses(17) e no pacto com potências estranhas e verá o Senhor vingar a sua honra votando-a ao abandono e à opressão de quantos se aproveitaram da sua criminosa infidelidade religiosa — e isto até que não chegue a «Sua Hora» — a hora de Deus — porque a sua fidelidade permanece eternamente (Salmo 116). A «Repudiada»(19) experimentará o ardor da cólera de Iahvé e o peso da sua inexorável justiça. Dias virão, porém, em que será estabelecida uma «Nova Aliança» com a casa de Jacob (cfr. Jeremias 31/31), esquecido o seu pecado e a «desonra da sua adolescência».(20) A restauração futura, qual outra nova criação, é celebrada por Isaías numa linguagem exaltada muito consentânea ao estilo profético onde abundam as imagens e os símbolos. (**Vide:** Isaias 65/13-25) Unânimes nas suas esperanças, os pensadores, os fiéis, mais tarde hão-de juntar a estes dados esparsos nos livros inspirados o que lhes sugeriam as suas tradições, fruto duma imaginação excitada e de infiltrações suspeitas.(21) É desta ambiência que, a partir do séc. II a. C., a literatura

apócrifa, sobretudo Apocalíptica desenvolvendo uma interpretação bizarra do «Reino futuro» num desejo apaixonado de prosperidade material e de hegemonia religioso-política([22]) — a «idade do oiro». É expressivo este passo do Apocalipse de Baruk (XXIX/5): ...«a terra há-de produzir dez mil vezes mais frutos: uma cepa deitará mil sarmentos, um sarmento dará mil cachos, um cacho contará mil bagos e cada bago dará uma medida de vinho»...

Há contudo, excepções honrosas nalguns círculos judaicos que são os intérpretes genuínos da tradição profética. Esboçando uma súmula do seu pensamento formulamos alguns enunciados que, supomos, não vão trair a verdade: Jerusalém é considerada o centro universal da fé; Israel o instrumento de Deus na conquista do mundo («Israel subsiste no cristianismo iluminado por novas claridades, universais e eternas»); O Messias — o «Grande Conselheiro, o Príncipe da paz» — reinará «na casa de David» restabelecendo assim a dinastia teocrática sob o signo da justiça e da Misericórdia...

Jesus inaugurou o seu ministério em continuidade perfeita com a pregação do Precursor nos desertos da Judeia: «Arrependei-vos porque está perto o reino de Deus» (Mt. 4/17). Arrependimento e conversão — a grande palavra de ordem, a grande exigência. Logo de começo, sem mais derivativos, Jesus se coloca na via do escândalo — Para romper as trevas, trouxera a espada e não a paz. A verdade sempre fez brechas...

É esta a Boa Nova:([23]) «Procurai o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo» (Mt. 6/33). Desta justiça nos é dado o alcance pelo próprio Jesus (Mt. 5/19-20): o cumprimento fiel da vontade do Pai, mesmo a custo de abnegação e sacrifício — «felizes os perseguidos por causa da justiça porque deles é o Reino dos céus...» (Mt. 5/10). Reino que pertence aos pobres de espírito (Mt. 5/3), aos humildes (Mt. 18/14), aos perseverantes (Mt. 10/22; 15/22-25; 24/13); onde há lugar para os povos vindos do Oriente e Ocidente (Mt. 8/11-12); realidade em marcha (Mc. 4/31-33): sementeira próspera onde também germinam ervas daninhas; tesouro inestimável (Mc. 9/43-47); enfim; reino onde no curso do seu laborioso desenvolvimento (Mt. 13/33) sobre a terra nem todos serão iguais: terá ovelhas e pastores; dirigidos e chefes; será uma comunidade organizada e estável, uma grandeza de ordem social, uma «Igreja», comparável a um edifício de pedras vivas que se elevam sobre um fundamento inabalável que nem as tempestades nem os desgastes dos tempos farão cair — «as portas do inferno não prevalecerão contra ela» (Mt. 16/18).([24])

Aqui se vem inserir precisamente um novo dado: a Escatologia. É que, estreitamente ligada à proclamação do Reino, ela ocupa um lugar relevante nos Evangelhos, muito embora estes não constituam um ensino essencialmente escatológico, entusiasta e místico como pretendia um corifeu da Escola Escatológica em França, Loisy, um dos tantos escandalizados com a «Obstinada crença no Grande Mestre Iluminado...» (Cfr. L'Évangile et l'Église (1902) e ainda «Autour d'un petit livre», 1903). O grande vício da teoria escatalógica esboçada, aliás com notável êxito, por João Weiss e Alberto Schweitzer, e perfilhada com poucas reservas por Loisy e vários críticos ingleses, está em confundir elementos preponderantes. com elementos exclusivos.

Se não é alheia ao pensamento e acção de Cristo a ideia dum Reino Escatológico, também é certo como já o fizemos notar, que este Reino não é mais que um estádio futuro duma realidade presente, que «hic et nunc» existe (Mt. 12/21-28 e Luc. 17/20-21): O Reino de Deus está no meio de vós...» com uma estruturação externa bem definida, com um processo evolutivo bem delineado.(25) Não foi desconhecendo de todo esta faceta do Reino, seria ingénuo pensá-lo, que os escatologistas desarticularam e excluiram arbitràriamente algumas perícopas evangélicas como recurso derradeiro de salvação. Efectivamente tratava-se duma «res non grata», num autêntico «punctum dolens» de difícil desembaraço...

Firme na contextura evangélica é, por certo a ideia de Cristo como árbitro absoluto do destino dos homens e juiz supremo de toda a sua conduta moral — dignidade equivalente à do Pai (Cfr. Mt. 6/4, 6, 18; Mt. 10/28; 10/32; 20/33 e Mc. 10/40), exercida por autoridade própria e não comissionada. — Quando chegar «o Seu dia»(26) Luc. 17/24) o dia do «Filho do Homem», virá na glória de seu Pai (Mt. 16/27), sobre as nuvens do céu (Mt. 26/64; Mc. 14/62) e sentar-se-á num trono de majestade (Mt. 19/28) para retribuir a cada umsegundo o merecimento de suas obras (Mt. 16/27). Então será o fim e consumada a vitória de Cristo sobre as potências do mal.(27)

A era do julgamento está aberta. Os últimos tempos começaram: tempo não de paz mas de luta. (Mt. 10/34; 13/12; Luc. 12/51); tempo de opção definitiva — «quem não é por mim é contra mim» (Mt. 12/30; Luc. 11/23). É este sentido de actualidade, de presença, que mais notòriamente contradistingue o esquema escatológico de Jesus de outras quaisquer fantasias.(28)

O julgamento atinge primeiramente Israel na sua vocação histórica. O machado está posto à raiz da figueira estéril e amaldiçoada. Os convidados serão substituídos, e pela sua perfídia os vinhateiros infiéis serão desapossados da sua herança (Mt. 22/1 e segts. 21/33 e segts.; Luc. 13/30). É esta a sorte que cabe a uma geração má e adúltera (Mt. 12/39; Luc. 11/29). A destruição da cidade Santa(29) será o primeiro sinal da manifestação triunfal do Poder do «Filho do Homem» (Mt. 10/23; 24/-).

O acto central deste julgamento é a paixão e a Ressurreição do Senhor. A morte do Homem-Deus é já um juízo. Daí, os acontecimentos verdadeiramente apocalípticos que a envolvem. A misteriosa presença do Filho do Homem confere a toda a história um valor escatológico: «Jésus détourne énergiquement l'attention de ses auditeurs de tout spéculation, de toute réverie quant à l'avenir et les ramène inexorablement au présent. Il revient inlassablement á ce thème central: c'est l'instant présent dans sa banalité apparente qui est décisif. Cet instant révêt une gravité infinie, non seulement parce que le temps est court et que la parousie est proche, mais parce qu'il est chargé du poids infini de la présence mystérieuse dans l'homme qui est devant l'homme, du Fils de l'Homme et de Dieu lui-même»... (Th. Preiss in «Le Mystère du Fils de L'Homme» em «Dieu Vivant», 1947, pág. 34 e seguintes).

A consumação e o estabelecimento definitivo do Reino terão lugar apenas na parusia — é também este um dado inconfundível que os sinópticos nos fornecem. Concluir a iminência do facto a partir sòmente das narrativas evangélicas, é caminhar com muita presa, com o risco de se não atinar com a solução. A. Schweitzer

expõe mais ou menos nestes termos o seu pensamento: Jesus, embora confessando a sua ignorância quanto à hora exacta do julgamento, mantinha com uma inflexível obstinação que a geração presente não passaria sem que tudo estivesse cumprido. Enganou-se, portanto, — é um facto històricamente comprovado. Todavia, porque o mundo presente não é para o homem senão um lugar de passagem, um momento fugitivo, uma simples transição, o «não» oposto por Jesus a este mundo efémero é, no fundo, mais verdadeiro que o «sim» dum naturalismo hipócrita e grosseiramente material.(30)

Será preciso, pois, recorrer, como por vezes se tem feito a expedientes fáceis e falsos para salvaguardar a infalível persistência do Mestre, pretendendo ver nos discursos escatológicos um conglomerado de fragmentos apocalípticos preexistentes e de palavras autênticas de Jesus? Manifestamente que não... «l'Exegèse traditionnelle repousse avec raison une simplification dont l'antiquité chrétiènne ne s'est jamais aviseé, encore qu'elle ait senti la difficulté créée par les textes, tels qu'ils nous ont été transmis. C'est dans une intelligence plus réelle de ces mêmes textes que nous chercherons la solution d'un problème dont la gravité n'est ni a contester ni a exagérer...»(31)

Reconhecemos ser particularmente difícil em razão de sobreposição de perspectivas em que são visitas pelos Evangelistas (que não por Jesus) a ruína de Jerusalém e o fim do mundo, acertar em absoluto. Mas os nossos recursos exegéticos não são tão reduzidos que nos imponham um alarmante silêncio perante a possibilidade da veracidade do Senhor estar a sério comprometida.

Analisemos, pois, brevemente o género apocalíptico. Embora com episódicos precedentes nos antigos profetas (Vide Isaías 13/4-10; 12-13; 24/segt.; Ezequiel 32/-; Joel 2/- e mais recentemente Daniel 7/-) o género apocalíptico polariza grande parte da literatura hebraica dos séculos imediatamente anteriores à era cristã. Uma linguagem estranha recheada de símbolos fantásticos, e onde as convulsões cósmicas se sucedem, serve uma mensagem de esperança para os oprimidos e pressagia o castigo dos perseguidores do Povo de Deus. Na Bíblia tal género literário é usado, porém com notável sobriedade: é uma «revelação» necessàriamente diferenciada das multiformes congeminações similares.

Jesus para expor os grandes aspectos do julgamento serviu-se das representações tradicionais apocalípticas, aliás, formas mais ou menos estererotipadas na descrição da vinda do Filho do Homem no livro de Daniel sobretudo. Será que as teremos de encarar complexivamente como a tradução exacta em termos rigorosos, isto é, históricos, da natureza dos acontecimentos futuros? Responde o Padre Grandmaison:: «... ces remarques nous avertissent de ne pas traiter les prédictions écrites en ce style comme si elles étaient de l'histoire rédigée simplement au futur...»; é pois uma questão de bom senso fixarmo-nos no essencial: «...un jujement au seuil du Royaume sous son quadruple aspect de sainteté, de puissance, de justice et de salut. Dans l'univers regéneré que Dieu prépare à ses élus rien d'impur ne pénétrera: toute puissance mauvaise sera prisée à jamais: une stricte équité réglera le sort de chacun...»(32)

Igualmente nenhum sinal nos permite com absoluta certeza fixar uma cronologia. A descrição tem um âmbito largo e não se subtrai, como já esclarecemos,

dos moldes clássicos da literatura profética - apocalíptica, procedendo por quadros descritivos do futuro (embora com base nas calamidades presentes) que se sucedem uns aos outros sem transição, qualquer que seja a diversidade do tempo a que se referem, sobretudo quando os factos têm entre si qualquer relação de causa a efeito ou de símbolo à coisa prefigurada... (33) «la réalization du plan divin qui comporte des étapes distinctes, séparées par des laps de temps considérables, n'en este pas moins une dans son enemble et se présentera donc au prophète sous des images enchaînées entre elles, faisant abstraction des intervalles et amenant á la lumière, hors du fleuve anonyme des évènements futurs, les seuls faits et les seuls traits qui marquent la continuité du dessein providentiel. Les précisions numériques et les coïncidences de détail, sans être nécessairement exclues, sont ici de peu; notre vieille tendance au littéralisme sera décue. L'optique de la prophétie n'est pas celle de l'histoire...» (34)

Estamos, é bem verdade, perante um género literário muito complexo e a falta de prevenção pode-nos conduzir a lamentáveis resultados como uma exegese excessivamente material, endurecida, sem horizontes e sem amplitude, ou a uma subestimação do valor persuasivo e autêntico dos textos a pretexto da sua aparência enigmática ou da sua contextura inverosímil e «maravilhosa».

Quanto ao discurso escatológico, remate espectacular duma conversa íntima sobre a magnificência do templo entre Jesus e os Apóstolos, ele refere-se a dois acontecimentos distintos objecto da sua curiosidade inquiridora: a destruição de Jerusalém e o fim do mundo (cf. Mt. 24/1-3; Mc. 13/1-4; Luc. 21/5-7).

Não é fácil estabelecer com critério definitivo uma divisão do texto correspondente à dupla fase da vinda gloriosa de Cristo. A multiplicidade das tentativas o proclama à sociedade. Uma simplificação excessiva fará, necessàriamente violência ao discurso em virtude dos dois temas se entrelaçarem em alternâncias sucessivas o que explica certas inclusões de alcance muito superior ao que lhes permite o contexto (Mt. 24/14 e 16/28). Há, todavia, traços característicos que nos permitem estabelecer a diferenciação das duas predições do Senhor. A primeira manifestação do Filho do Homem é anunciada por sinais certos, mais ou menos comuns, nada exotéricos, que a tornam de todos previsível; é progressiva dando margem a tentativas de fuga, aliás aconselhadas por Jesus (Mt. 24/16-21 e Luc. 17/31). Então virá o começo das dores, a sedução dos pseudo-profetas e, finalmente, a «abominação da desolação» (Mt. 24/15; Mc. 13/14; Luc. 21/20)... «Jerusalém será calcada pelos pagãos até se completar o tempo das Nações (Luc. 21/24b)... esta geração não passará sem que tudo isto aconteça» (Mt. 24/34; Mc. 13/30; Luc. 21/32). Em contrapartida a parusia final é universal e fulminante — «como o relâmpago parte do Oriente e brilha até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem (Mt. 24/27; Luc. 17/37)... que mandará os seus anjos com uma trombeta altissonante para reunir os seus eleitos a partir dos quatro pontos cardiais, dum extremo ao outro dos céus (Mt. 24/31 e 25/32). Quanto a essa hora «ninguém a conhece, nem os anjos do céu, nem o Filho; só o Pai». (Mt. 24/36 e Mc. 13/32). (35)

Jesus indica uma muito próxima manifestação do Céu, na sua «vinda em potência» para julgar a geração presente, ao mesmo tempo que faz supor um outro

regresso imprevisível do «Esposo» do «Juiz do Reino»—semente minúscula tornada já árvore frondosa que abriga uma multidão incontável de homens porque a Boa-Nova foi pregada a todas as Nações.

É na luminosa clarividência da Sua consciência e da índole da Sua mensagem que se resolvem e harmonizam todas as antionomias. Jesus sabe quem é. Ele mesmo se proclama Mestre e Senhor. Quando fala, d'Ele sai um fluxo persuasivo que espanta quantos O ouvem e arrebata confissões sublimes, saídas de almas esmagadas pela violência das Suas palavras e das Suas obras: de Pedro que declara sempre segui-Lo porque «Só Ele tem palavras de vida eterna» (João 6/68); duma mulher humilde mas ciosa que proclama a glória daquela que é Mãe dum tal filho. A palavra «Mestre» na boca dos seus adversários sem contrariar as suas malévolas intenções vale por um monumento erguido Aquele que era «a luz verdadeira que ilumina todo o homem» e «no qual residem todos os tesouros de sabedoria e ciência» (João 1/9 e Colos. 2/3).

Consciente de ser o Soberano Senhor do Novo Reino e o Juiz do «mundo futuro», ambas as perspectivas se ligam na sua Pessoa. A consumação dos séculos será a nova vinda em poder, majestade e glória para julgar os vivos e os mortos. Será a nova presença, e uma presença de Cristo é sempre um problema de vida ou de morte. Mas Jesus desde há muito que está connosco, e é por isso que o mundo **está julgado.**

Todas as realidades presentes adquirem, acto contínuo, uma projecção escatológica, porque em Cristo se unifica o passado, o presente e o futuro, e é nesta intemporalidade que se explica a amplitude de perspectivas fundamentada numa luminosa intuição dos factos e das suas relações.

Muito ao contrário da tendência apocalíptica do tempo que se empenhava esforçadamente com os números, a mensagem de Jesus deixa transparecer uma única preocupação: colocar os homens e suas vidas na linha do juízo final cuja incerteza e rapidez mais que a sua iminência pretende vincar.([36]) Até lá, vamos vivendo sob o signo da esperança... «expectantes beatam spem et adventum gloriae Magni Dei et Salvatoris nostri Jesu Christi...» (Tit. 2/13).([37]) Este é tempo da conversão, o tempo da «paciência» de Deus, a hora da graça, a «undécima hora», a hora do Espírito, a hora da Igreja... «et Spiritus et Sponsa dicunt: veni!...» (Apocl. 22/17).

3 — SINCRETISMO.

Pela consideração do Cristo Evangélico chegámos a concluir a impossibilidade de tal figura ser criação duma comunidade afecta às concepções judaicas. Tão pouco o helenismo servirá os intentos da escola sincretista.

Não contestamos, por princípio, que as comunidades judaicas, sobretudo as da dispersão, pudessem ter sido influenciadas pelo ambiente. Mas a fanática intransigência, apanágio do mais tíbio israelita, o vigor da sua crença estimulada por reacção, o conservantismo tão natural num judeu exilado da sua pátria de tradições que faziam inveja a qualquer cidadão grego ou romano, o carácter gregário das suas asociações nas mais remotas paragens do império, far-nos-ão desconfiar

«a priori» dessa possibilidade. Manifestamente, referimo-nos a infiltrações que desvirtualizassem na sua essência as suas concepções, os seus hábitos e o seu culto. Parecendo talvez representativos cremos, no entanto, não virem desacreditar o que fica exposto os exemplos raros de alguns desvios, tais sejam por exemplo o cisma da Elefantina, as reminiscências multiplas do helenismo no livro canónico da Sabedoria e nas obras de Filon, bem longe de constituirem uma real contraprova das nossas asserções.

Se até aqui a questão é de relativo interesse, ganha-o, abundantemente, se nos transpusermos para o plano das origens cristãs. Têm lugar agora as suspeições de que o cristianismo se tornou objecto nos espíritos apressados de Reitzenstein (+1931), Pfleiderer (+1908), Guignebert (+1939) e mesmo de Loisy. A pressa levou-os, firmados em «sensacionais descobertas» a ver nas mais insignificantes analogias perfeita identidade e a construírem por vezes planos anacrónicos onde o cristianismo aparece como parte informada quando foi a informante. São estas as conclusões do seu aturado esforço, que, seguidamente, especificaremos: o método usado pelo Mestre na exposição da sua doutrina revela profunda afinidade com os processos de iniciação mistérica; é, de igual modo, inegável que João e Paulo são tributários respectivamente da influência de Filon e das concepções estoicas, e, por último, parece estar na base da teoria soteriológica cristã uma notável apropriação dos cultos vários disseminados por toda a parte — garantia do seu êxito e razão explicativa total da sua rápida difusão.

No fundo, fala Loisy, Cristo pode reduzir-se a um santo visionário que se sente chamado para salvar Israel, que sofreu morte violenta motivada pelo seu zelo intempestivo mas que exerceu suficiente fascinação sobre os discípulos para acreditarem na sua ressurreição objectiva e na sua vinda gloriosa. Estas ideias poderiam ser adaptadas à maravilha aos mistérios pagãos a cujo património pertencia sistematizar a bela história dum ser divino morrendo e ressuscitando, tornando-se princípio de imortalidade para os que participaram no seu culto (os «iniciadores) associando-se assim ao mistério da morte e revivescência do númen sagrado. Foi assim que Paulo concebeu um homem divino que abnegadamente quis morrer pelos homens, injustos e pecadores. Ressuscitou, tomou a forma de Deus e é sob esta forma de Deus mortal que o novo Átis assegura a bem-aventurança aos que a ele se reunem e assimilam pela morte simbólica realizada pelas águas baptismais, penhor da felicidade eterna. Jesus, pois, é um «deus salvador» à maneira de Osiris, de Átis ou de Mitra e nada mais... (26)

As numerosas correntes místicas, culturais e filosóficas que invadiram Roma correspondem, perfeitamente, às necessidades da massa anónima pouco confiante, mesmo céptica, na secura descarnada dos «manes» e da tríade Capitolina, e vêm comprometer sèriamente o requintado ateísmo das classes nobres. Aníbal bastou para convercer a plebe da impotência dos seus deuses. Roma, vazadoiro de todas as práticas mágicas, vê-se invadida pelos cultos orientais, mais humanos, mais pessoais, mais eficazes. Desta descontrolada invasão se dá conta Tito Lívio:... «Já não é só na intimidade que desaparecem os ritos Romanos; no próprio Capitólio, uma multidão de mulheres sacrifica e ora mas não em conformidade com a tradição dos antepassados...». O culto de Cibele já há muito entrara em Roma por indicação sibilina como último recurso no desesperado esforço de libertação das calamidades

que assolaram a urbe. Materializada numa pedra negra de contornos imprecisos evocando a figura duma mulher, Cibele foi trazida do seu santuário do Pessimonte cerca de 204 a. C.. Zama o grande trunfo jogado pela deusa em favor do povo devoto foi o primeiro passo para o simpático acolhimento do seu culto. Uma bizarra instituição vulgarmente conhecida por «taurobolium» anda sempre associada ao culto de Cibele: o candidato encerrado numa câmara recebia sobre o corpo o sangue dum boi abatido na parte superior; esta ablução era garantia da purificação ritual e da consagração à «grande deusa»...

Átis é inseparável de Cibele, mesmo no culto. Exposto à nascença, este mortal foi salvo pela deusa e tornou-se objecto da sua complacência amorosa firmada por um juramento pelo qual o jovem pastor prometia incondicional entrega, convertida, depois, em vergonhosa infidelidade. Sangária, a rival de Cibele, não escapa à sua vindicta. Átis mutila-se e morre(?)... mas de novo é tomado pela deusa. Todos os anos entre 15 a 18 de Março Roma celebrava a festa de seus divinos protectores num clima de frenética emoção. A 25, o «dies sanguinis» os fervorosos cultores julgavam aplacar a deusa com as mais rigorosas abstinências e não raro com a própria castração voluntária. Nos restantes dias completava-se o ciclo festival: abluções variadas, cortejos processionais de tom carnavalesco, terminando em apoteose.

O culto egípcio de Isis e Osiris não teve dificuldade na entrada em Roma, secundado como foi, pelo favor de Calígula e Nero. Osiris, personificação das forças fertilizantes do Nilo, é-nos apresentado como um rei zeloso que faz emergir os seus súbditos do marasmo aviltante em que se encontravam, ajudado pela solicitude constante de sua esposa, Isis. Set, irmão gémeo de Osiris, personificação do deserto árido, maquina a perda do seu émulo para lhe usurpar o trono. Deitado ao mar, Osiris morre. Os repetidos esforços de Isis merecem-lhe que seja fecundada misteriosamente por ele sem no entanto o conseguir trazer à vida — êxito reservado a Horus seu filho mas apenas parcialmente: o cadáver foi transformado num corpo eterno e Osiris, a primeira múmia entrou na galeria dos imortais. A celebração deste mistério compreendia três partes distintas: a representação da morte, a sepultura e a apoteose final —, fases mais ou menos coincidentes com o ciclo das transmutações da vegetação.

O culto de Mitra de proveniência iraniana (não é semítica como as religiões do Egipto, da Frígia ou da Síria, mas indo-europeia) representa aparentemente (pois na verdade o seu pleno desenvolvimento vem muito depois da era cristã) um centro de interesse extraordinário para o nosso estudo. Inspirado em concepções dualistas admitia a existência de dois princípios antagónicos: o Bem (Ormuzd) e o Mal (Ahriman), servido cada qual por um exército de espíritos celestes ou infernais. O papel do crente, nota-o PIERRE FABER, ((**«Histoire des Religions»,** Bloud et Gay, pág. 420) é de esforçar com a ajuda de Mitra, em fazer progredir nele e à sua volta o reino do «deus bom». Mitra não é o deus supremo mas um mediator entre o céu e a terra, emanação a mais admirável desse deus, muitas vezes identificado com o Sol. É por ele, graças ao sangue do trono imolado que nasceu toda a parte boa da criação. É leal, justo e casto: a seu exemplo os fiéis o devem ser também. É pela imitação das suas virtudes que conseguirão alcançar

a felicidade eterna. Juiz dos homens será também o condutor dos fiéis através dos espaços até chegar à mansão de Ormuzd.

Embora houvesse todo o interesse na consideração do Orfismo e do culto a Dionísio, a Adonis e outros, dela nos escusamos, já porque a mais sucinta referência seria necessàriamente muito extensa, já porque debaixo de nomes diferenciados os esquemas aparecem-nos um tanto estereotipados sem novidade e sem interesse.

Aos mitógrafos comparatistas, já o referimos, surpreende o extraordinário poder de infiltração do cristianismo só explicável, segundo os seus conceituados critérios, por uma atmosfera propícia criada pelos cultos mistéricos, que, aliás, insinuam certas afinidades com a dogmática e liturgia cristãs.

Religiões pessoais, os cultos mistéricos e porque não o cristianismo estavam naturalmente votados a ser o factor primordial da queda do paganismo romano, alheio a qualquer consideração ética ou exigência sublimadora. É certo, também, que precedendo o cristianismo na transposição das marcas do Império e promovendo autênticos valores religiosos estes cultos tiveram influência relevante no seu acesso rápido e universal sem deixarem por isso de constituir uma potente força concorrente já que correspondiam às necessidades imediatas dos indivíduos sem os comprometer nas suas relações sociais ou conduta particular e, por isso, mais cativantes que o exclusivismo e intransigência da doutrina cristã: ...«le christianisme, citamos Duchesne, n'a pas trouvé la place vide. Il lui a fallu extirper des âmes qui s'ouvraient á lui, non seulement l'attachement particulier à tel où tel culte mais encore une certaine sympathie pour tous les paganismes que s'étaient peu à peu croisés et superposés dans la dévotion...»([27]) efeito conseguido, é dos sincretistas, em parte pelas maravilhosas narrativas de milagre tendentes a magnificar e impôr a nova religião: o cristianismo.

Não nos vamos deter na defesa da objectividade dos milagres evangélicos; limitamo-nos a encarar com brevidade alguns problemas atrás sugeridos.

Salta à vista uma certa semelhança da feição expositivo-pedagógica do Senhor com os processos de iniciação. Pura semelhança ou infeliz coincidência? Por agora, notemos a perfeição do designativo «mistério» aplicado ao reino que Jesus inaugurou, realidade de provocantes contrastes com a expectativa geral e por isso inacessível. Era na docilidade das inteligências e dos corações à graça de Deus que radicava a possibilidade de aderência à Revelação do Céu. Mas Cristo «veio ao que era seu e os seus não o receberam» (João 1/11), a despeito das credenciais magníficas com que se apresentou. Aí está porque seus olhos se fecharam à luz e os ouvidos se tornaram impenetráveis à voz de Deus. Não se pode imputar o fracasso de Jesus e à inacessibilidade do seu ensino. As parábolas não são charadas mas constituem um recurso pedagógico de inestimável valor para ilustrar e propor as verdades religiosas e morais. O problema, «quem puder entender que entenda» não estava na reserva da mensagem mas na capacidade receptiva dos ouvintes. A «luz brilhava nas trevas» mas as trevas não A compreenderam» (João 1/5). Para além das palavras estavam as suas obras... Nisto assenta a ambivalência do ensino do Mestre.

«A vós está confiado o mistério do Reino de Deus: mas para aqueles que são de fora, tudo se passa em parábolas a fim de que lancem os olhos e não vejam,

prestem ouvidos e não entendam não vão eles converter-se e lhes seja perdoado». (Mc. 4/10-12 cfr. Mt. 13/10-11, 13, 15; Luc. 8/9-10 e Isaías 6/9-10)... assim principia e conclui S. Marcos a exposição do Senhor sobre os mistérios do Reino, isto é, os planos divinos da salvação que Jesus vinha executar. Estamos diante dum modo clássico de expressão nas línguas semíticas pouco dadas a considerar as causas segundas e por conseguinte a confundir, fàcilmente, acção causal e permissiva. Em nada enferma, pois, a nossa tese.

As descantadas reminiscências ideológicas de Filon e do estoicismo em S. João e S. Paulo merecem umas notas de reparo.

Filon o mais helenizante dos pensadores judeus teria sido o grande inspirador de João, o móbil da união entre o evangelista e as esferas helenísticas? É na incompatibilidade das atribuições feitas por cada um dos citados autores ao LOGOS, que apoiamos a nossa formal negação sem que ponhamos em dúvida uma certa assimilação verbal e até doutrinal explicável pela situação de ambos no RUMO da tradição bíblica, sobretudo no livro inspirado da Sabedoria. O LOGOS de Filon, situando-se na linha da especulação filosófica, aparece nas suas linhas essencias como «um eão mal hipostaseado, nem divino nem humano», intermediário entre Deus e os homens. O de João é um ser real, Deus verdadeiro, imagem perfeita do Pai (João 1/1 e 14/9). Num mesmo os celebrados dualismos antinómicos (Luz - TREVAS; VERDADE - MENTIRA; VIDA - MORTE) se podem considerar como um jogo de ideias aparentadas às concepções da gnose helenística, quer pela riqueza do conteúdo e significação própria que assumem em João, quer pelo enquadramento perfeito nas perspectivas bíblicas dum e outro Testamento. João parece antes ter sofrido influência duma corrente de pensamento, largamente espalhado nalguns círculos judaicos, cuja expressão se encontra mais ou menos retratada nos recém-descobertos documentos essénios de Qumrân. Fortemente penetrado desse ambiente religioso e doutrinal caracterìsticamente judaico aproveitou S. João os seus moldes e imagens para apresentar a doutrina autêntica de que era depositário.([28])

Confundir paulinismo e estoicismo é uma destas arrojadas violentações que bradam aos Céus. Não esqueçamos que Paulo era filho de Tarso centro irradiante de cultura helénica, mas não cremos que haja filólogo algum que sem ideias preconcebidas leis o Apóstolo e ouse confirmar tão ignóbil invenção — é que comprometer-se com a falsidade é assinar a condenação.

«É a verdade que eu digo em Cristo e não minto. A consciência me dá testemunho no Espírito Santo... A tristeza é grande e continua a dor do meu coração. Desejava, eu mesmo, ser anátema, separado de Cristo por meus irmãos que são da minha raça segundo a carne: os Iraelitas. Deles a adoptação filial, a glória, a aliança, a lei, o culto e as promessas, e também os patriarcas, dos quais é descendente Cristo segundo a carne. Ele está sobre todas as coisas, Deus bendito por todos os séculos Amen.» (Romanos 9/1-5). São palavras que não admitem discussão. Valem por si e constituem a melhor apologia dum homem que se revela pouco atreito a confusões.

Essencialmente panteísta, embora com alguns pontos de contacto com a ética cristã, o sistema estoico é irredutível em absoluto à mensagem evangélica e paulina. Ao Deus pessoal e vivo da Revelação, que estabelece por sua iniciativa um

comércio vital com os homens e os adopta fazendo-os participar pelo dom inefável da sua misericórdia na sua vida opõe o estoicismo uma alma universal que se reparte individualizando-se em cada homem. Divino por constituição ôntica o homem deverá tender para uma perfeita realização das suas potencialidades por esforço próprio e progressivo... «procura dentro de ti...» era a máxima de Marco Aurélio. Impassível perante os males necessários que o destino inexorável lhes reserve sem esperança porque lhe não é permitido ter certezas, sem graça porque não precisa dela o estoica agoniza entre a sede de ser mais e o reconhecimento de que não pode ser maior: é a medida de si mesmo.

A terminologia paulina é outro pomo de discórdia. Profundamente conhecedor das doutrinas gnósticas e dos cultos mistéricos, Paulo até porque muitíssimas vezes, tivera de contactar com novos cristãos, sabedores por experiência própria de que isso era, deixa transparecer na sua linguagem (as anologias mais uma vez não pasam de verbais) uma certa condescendência com os termos então em voga e de sentido mais ou menos técnico. Entram nesta categoria as palavras: gnose, mistério, espírito, etc., etc.... Tê-los-á S. Paulo encontrado sòmente na literatura mágica do tempo apropriando-se delas no seu sentido corrente? Os trabalhos sérios que até hoje se têm feito, concluem não só pela continuidade ideológica mas mesmo verbal — sirva-nos de exemplo o termo mistério usado na versão dos LXX e nos Evangelhos([29]) de S. Paulo com a restante literatura bíblica, e pela diferenciação semântica dos vocábulos usados nas epístolas e na eloquência pagã. Inserir-se-ia neste momento, com oportunidade, um estudo cuidado da Teologia paulina do «mistério»([30]) da amplitude do significado de «espírito» e, por fim, do conceito de «sabedoria»([31]).

O plano é sobremaneira ambicioso para aqui poder ser integrado; julgamos assim ser mais sensato omiti-lo do que tentar o impossível.

Respigando algumas razões entre tantas, formularemos um sumário confronto de Cristo com os lendários semi deuses.

Situado numa trama histórica bem definida de que conhecemos os povos, a geografia, as instituições e os cultos, Jesus apresenta-se-nos sem par nessas polimórficas fabulações sem origem e sem cronologia... «No décimo quinto ano do reinado do Imperador Tibério, sendo Pôncio Pilatos gorvernador da Judeia, Herodes tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe tetrarca da Iruteia e da região da Traconitide, e Lisânias tetrarca da Abilena, no pontificado de Anás e Caifás...» (Luc. 3/1--3)... preciosa redundância!

Irradiação esplendorosa da divindade do Altíssimo (Heb. 1/3), Palavra Criadora (João 1/3 e Heb. 1/2), objecto da esperança dos séculos, Pontífice misericordioso e eterno, Mediador perfeito, revestiu-se da condição de escravo em tudo igual a seus irmãos, excepto no pecado. Resposta amorosa do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob às Suas promessas firmadas com juramento, para que o mundo conhecesse o seu amor ao Pai humilhou-se e fez-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo mérito da Sua obra e dignidade do Seu Ser foi exaltado e foi-lhe dado um Nome que está acima de todo o nome, perante o qual se curvam a terra, os céus e infernos (Filip. 2/6-11). Panorâmica soberbamente grandiosa a de S. Paulo que rebenta todas as molduras estreitas desses demiurgos pacientes e mortais envolvidos nas mais execrandas aberrações do nascimento até à morte.

Estreitando a amplitude das nossas considerações situemo-nos no fulcro do problema: a soteriologia mistérica e a cristã.

Se não nos perdermos no labirinto das narrações mais ou menos diferenciadas de cada mito toparemos com elementos constantes: mortes violentas (**acidentes trágicos e involutários**), pretensas ressurreições, enfim,... «des essais laborieux, greffés vaille que vaille sur des rites immémoriaux pour résoudre les problèmes de la destinée humaine, ici-bas et outre-tombe; ou des symboles, plus ou moins humanisés et romancés du rytme de la vie des saisons...».

Osiris vítima de brutal traição com o corpo reconstituido e mumificado pode prosseguir o curso tràgicamente interrompido do seu destino real e «divino», mas sobretudo e contra tudo continua sendo «um rei morto» (a dead King) na expressão feliz de M. T. E. Peet (in «nature of Osiris»)([32]). Dionísio surpreendido pelos titans enviados por Hera (Juno) tenta escapar-se-lhes metamorfoseando-se sucessivamente nas mais diversas espécies de animais. A sua virtuosidade, porém, não o livra de ser morto e devorado pelos mesmos. Graças ao coração intacto, encontrado por Palas, Zeus (e aqui as narrativas divergem) dá origem a um segundo Dionísio destinado a compartilhar a glória do seu pai. Adonis encontra a morte lutando com um javali. Afrodite e Perséfona reinvindicam a sua posse. Dirimirá a questão a intervenção de Zeus contentando as duas partes: todos os anos após uma reclusão forçada no Hades, reino de Perséfona, Adonis encontra um período regular de vida e amor terrestres.

Pois que o terreno era pouco propício para tentar comparações, a habilidade dos homens da Escola Comparatista levou-os a enveredar por outro caminho, para dele tirarem partido. Preferiram o derrotismo à ingenuidade.

Está de pé, a necessidade de provar o carácter sacrificial da morte de Cristo, o valor autêntico da Revelação evangélica para acabarmos de vez com a insinuante hipótese comparatista de que Paulo foi o primeiro a dar à morte involuntária do Senhor o sentido de expiação a fim de suprimir o escândalo da cruz. Estaremos diante duma chega «do espírito meio helenizado» do Apóstolo das gentes, ou já os Evangelhos documentam e insinuam o sacrifício de Cristo consistindo na **Aceitação Voluntária** da sua morte dolorosa, no **dom total** da Sua vida por soberana obediência à vontade do Pai e por amor heróico para com todos os homens? (Cfr. João 3/16 e 10/11).

Pelo dom voluntário da sua vida, Cristo resgatou os homens — para isso viera ao mundo. Quando chegar a «sua Hora» o mais pequeno escolho a embargar seus passos será arrojado com violência como obra satânica. Até a pedra inabalável, fundamento da Igreja, foi afastada como escândalo: é que para Jesus há algo de diabólico em repelir a sua missão de sofrimento([33]). Antes mesmo dos espíritos se turvarem, quando ainda causava mais espanto que ódio, anunciará aos fariseus para quando reserva o jejum dos seus discípulos (Luc. 5/35; Mt. 9/15); mais tarde perguntará aos filhos de Zebedeu se se sentem capazes de beber o seu cálice (Mc. 10/38); várias vezes terá esclarecido os discípulos sobre a necessidade de subir a Jerusalém para aí ser entregue nas mãos dos inimigos, conforme estava anunciado pelas Escrituras (Luc. 18/31; Mc. 9/11 e 14/21; Mt. 26/24, etc. cfr. Isaías 53/4-10). Jesus morre. Não porém como um herói que dá a vida por um ideal; a sua morte está longe de ser só um mero exemplo pedagógico de fidelidade absoluta a Deus

e à consciência — é, sobretudo o meio objectivo da nossa redenção: «o Filho do Homem não veio para ser srvido mas para servir e dar a sua vida como resgate por uma multidão»([34]) (Mt. 20/28). Cristo dá à sua morte uma significação objectiva, independente, que se distingue essencialmente do efeito subjectivo da sua pregação ou do seu exemplo. O seu sangue foi derramado **«para remissão dos pecados»;** a sua carne foi entregue **para a vida do mundo;** o pastor deu a sua vida pelas suas ovelhas porque estavam ameaçadas de perdição.

Paulo não inventou. Não lhe negamos, contudo, a glória que lhe cabe de expor esta doutrina dum modo sistemático e de se tornar um arauto entusiasta de Cristo crucificado (1.ª Corint. 2/2): «qui traditus est propter nostra delicta et ressurrexit propter justificationem nostram». (Rom. 4/25). Todos os homens são, segundo Paulo, pecadores, endividados perante Deus (Rom. 2/2; 3/12; 5/16, 18) e seus inimigos (Rom. 2/5, 8; 5/10; Efés. 2/3; 1.ª Tess. 1/10). Deus quis, no entanto em virtude dos seus desígnios eternos (Efés. 1/9) de amor (Rom. 5/8-9; 8/32; 2.ª Corint 5/18-19; Gal. 1/4; Efés. 2/4-7) resgatá-los fazendo do seu Próprio Filho, único mediador e chefe da humanidade crente. Tornado UM, mística e realmente com a humanidade reconciliou-a com Deus preparando uma raça nova a quem deu a sua mesma vida([35]).

Quanto à aplicação dos méritos redentores a cada indivíduo (Redenção subjectiva) a ideia duma comunicação mística com o «Deus Salvador» morto e ressuscitado não indicará uma influência recíproca, um lugar comum dos cultos mistéricos e da soteriologia paulina?

Mais uma vez a irredutibilidade é flagrante. A ideia de salvação paulina comporta, sobretudo, a libertação do pecado pela reconciliação com Deus e participação efectiva e formal na sua vida. Daí a necessidade imperiosa da transformação moral do cristão (Rom. 8/12; 2.ª Corint. 5/14-15; Gal. 5/24, etc...) nos cultos pagãos a salvação não implica remissão de pecado. Sòmente está em causa a consecução duma certa imunidade em face do destino e da morte eterna e a segurança duma vida imortal análoga à vida terrena; salvação obtida pelo cumprimento mecânico e estrito sem ligação directa com a virtude, toda ela diferenciada da mística cristã que visa converter os espíritos, reformar todo o homem para formar um **«homem novo»** em que a acção do Espírito divino se manifeste pela santidade de vida e das obras.

Cultos naturalistas, baldadamente, procuraram despojar-se da roupagem grosseira que os revestia por um simbolismo mágico e ocultista reproduzindo mais ou menos «ideias místicas» inerentes à natureza humana e concretizado em certas práticas, estas comuns à quase totalidade das formas religiosas: ritos purificativos e manducação das vítimas consagradas.

O valor das abluções, sob o ponto de vista da eficácia moral, era nulo. Rituais, mecânicos, («viduae aquae» lhe chama Tertuliano) estes ritos de iniciação eram um acontecimento considerável, próprio para exaltar a fé dos candidatos mas nunca, princípio duma nova existência. Não raro acontecia, nomeadamente nos «mistérios» de Eleusis, que tais práticas eram apenas incoativas da iniciação pròpriamente dita: as purificações tinham lugar no mar e só depois começavam as celebrações mistéricas.

Em certos cultos, embora a atestação documentária seja fraca, encontraram-se traços de festins análogos a ceia eucarística. Imediatamente se procurou excogitar todas as possibilidades de relação entre a comunhão do Corpo e Sangue de Cristo com os cultos dionisíacos onde o iniciado devorava carne crua dum animal representando o famigerado deus. Esta omofagia realizava a comunhão com a divindade enquanto a vítima consagrada pelo sacrifício a Dionísio se tornava propriedade sua e simbolizava, provàvelmente o episódio da morte de Dionísio pelos titans.

A comunicação material com a divindade através da carne sacrificada condicionava a entrada dum elemento divino nos adoradores transfundindo a sua virtude. Estas as interpretações mais benignas de certos dados esparsos que aqui e ali vão aparecendo, mas de valor duvidoso, quer porque os testemunhos são relativamente recentes quer porque pouco concordes entre si.

No cristianismo subsistem sempre elementos inéditos, originais e exclusivos. O cristão não contacta com Cristo mediatamente, participa, na realidade, no corpo e sangue do Senhor (1.ª Corint. 10/16-21; 11/23-34); a sua purificação baptismal fá-lo renascer para uma vida nova, morto para o pecado e ressuscitado com Cristo, unido a Ele pela fé e pelo baptismo, vivendo a mesma vida do filho adoptivo de Deus. (Rom. 6/3; Gal. 3/26-27; Col. 2/12-13). Exagerado, mas não inteiramente desrazoável, Erwin Rohde chega a dizer:...« les méthodes de purification furent presque toujours en compétition et en conflit, rarement en alliance cordiale avec la conscience. Dans son origine et son essence la purification rituelle n'a rien à faire avec la moralité et ce que nous pourrions appeler la voix de la conscience. Au contraire, elle usurpait une place qui chez un peuple plus avancé et moralment plus développé aurait du appartenir a une véritable moralité, fondée sur le sentiment intérieur de ce qui est juste...»([36]).

Sem excluir a prosperidade terrena o iniciado pretendia garantir uma imortalidade feliz, uma participação nos destinos dos deuses. A sua libertação não era operada por uma divindade, mas antes, nela, neste sentido claro de que o crente por uma espécie de sedução imitadora toma a iniciativa de reproduzir duma forma puramente exterior e graças a ritos e cerimónias as aventuras dos deuses que venera, sem que, no entanto, seja objecto de alguma mutação intrínsca, faça alguma profissão de fé ou conheça, de todo, o sentido da purificação moral ou renovação interna([37]).

Não estamos acostumados a isto. O erro sincretista é fruto inteiro da ignorância da verdadeira essência da nossa fé onde tudo é novo: «nova sint omnia: corda, voces et opera»...

Mais que uma conclusão este trabalho requer uma continuidade. A seu tempo virá, querendo Deus.

ANTÓNIO HENRIQUE

([1]) Cfr. Danielou. «Dieu et nous» pág. 146...
([2]) Cfr. Mt. 10/32-39; 7/21-24; 5/11-21; Luc. 12/8-9; João 6/29; 8/24; 14/6-14...
([3]) Cfr. Rom. 6/3 e segs; 7/17; 2.ª Corint. 4/10; Col. 2/19-20; 2.ª Timót. 2/11...
([4]) Karl Adam «Jesus Cristo», Casa do Castelo-Editora, 1947, pág. 62-63.
([5]) Henri Strohl «L'épanouissement de la pensée réligieuse de Luther» pág. 4-6.
([6]) Celso, tipo de racionalista moderno muito semelhante a Voltaire, autor do «Dis-

curso Verdadeiro» diatribe contra os cristãos cuja reconstituição só é possível à base dos escritos de Orígenes. Inimigo igual do Judaismo nem por isso deixou de apropriar-se das invectivas caluniosas dos Talmudes cristalizados nos célebres «Toledot Jeshu».

([7]) Porfírio (233-304) era um neoplatónico. A sua crítica é menos acintosa que a de Celso segundo nos é dado apreciar pelas refutações cristãs assaz numerosas, pois que os seus quinze livros «Contra os Cristãos» foram proscritos pelo edito de Valentiniano III e Teodoro II em 448.

([8]) Não nos são inteiramente estranhas as calúnias inventadas no meio Judaico contra Jesus (Mc. 3/22; Mt. 12/24; Luc. 11/15). Era natural que dada a repercussão do cristianismo depois da ressurreição de Jesus se acentuasse esta onda de malquerença e animadversão. À volta do ano 100, Gamaliel II faz introduzir nas preces quotidianas (Schemone Esré) uma imprecação contra os hereges — os «Minim». Segundo uma recensão palestiniense descoberta e publicada por S. Schechter em 1898 ao lado de «Minim» aparecem expressamente os nazarenos: «Que os nazarenos e os Minim pereçam num instante, que sejam riscados do livro da vida e não sejam contados entre os justos».

([9]) Vid. P. De Grandmaison — op. cit., vol. II; pág. 182, em nota.

([10]) Cfr. Ricciotti, «Vida de Jesus Cristo» — Edição espanhola, pág. 216, N.º 208.

([11]) Cfr. Grandmaison; Op. cit., vol. I; pág. 195-200.

([12]) Não resisto em continuar em nota o estudo de Henri Fehner (Em «Deus, Homem e Universo»; Livraria Tavares Martins — 1956; pág. 386-389). Sobre os traços históricos de Cristo em S. Paulo.

Será suficiente para nos convencer, dada a índole do estilo de S. Paulo que o Cristo glorioso do Apóstolo não é uma criação visionária, absolutamente irredutível ao Cristo dos Sinópticos.

...«Nós pregamos a Cristo crucificado, um escândalo para Judeus e loucura para os pagãos» — (1.ª Corint. 2/2) — eis um lema que vale por todas as respostas.

Mas há mais. Cristo é afirmado como: preexistente em Deus (Fil. 2/6); enviado pelo Pai no tempo fixado pelos decretos divinos para realizar a obra de salvação (Galat. 4/4; 1.ª Corint. 10/11; Rom. 3/25-26); descendente de Abraão (Gal. 3/16); viveu entre judeus (Rom. 15/8; 1.ª Tessal. 2/15); verdadeiro homem em tudo igual a nós (Rom. 5/15; 1.ª Corint. 21/22) excepto no pecado (2.ª Corint. 5/21); para colaborar na sua obra escolheu apóstolos (1.ª Corint. 9/5-14; 15/7-9) em número de doze (2.ª Corint. 15/5), aos quais mandou pregar o Evangelho (1.ª Corint. 9-15), com poder de fazer milagres (2.ª Corint. 1/19); depois de ter levado na terra uma vida de pobreza (2.ª Corint. 8/9), de sujeição (Fil. 2/8), de obediência (Rom. 5/15-19) entrega-se voluntàriamente nas mãos dos inimigos (Galat. 1/4 e 2/20) ou seja dos judeus que o condenam (1.ª Tessal. 2/19); a Sua Paixão deu-se por ocasião da Páscoa (1.ª Corint. 5/6-8); na noite em que foi entregue instituiu a Eucaristia (1.ª Corint. 11/3-26) e após indizíveis sofrimentos morre na cruz (Fil. 2/18) é sepultado e ressuscita ao terceiro dia consoante as Escrituras (1.ª Corint. 15/4).

([13]) Expressão sinónima de «Reino dos Céus» esta mais usada em virtude da sua feição mais descritiva suprindo a designação nominal de Deus que os círculos judaicos procuravam evitar sobretudo perto da era cristã.

([14]) Cf. Ps. 76/17-18; 113/3-8; 65/5-6; 77/13-14; Isaías 43/16-17; Juízes 5/4-5; Num. 9/11-13...

([15]) Cf. Isaías 42/6; 49/6; Actos 13/47; Luc. 2/32...

([16]) Cf. Isaías 54/5 e Oseias 2/19...

([17]) Cf. Jeremias 3/1-5; Ezequiel 16/8-63; 23/1-45; Oseias 2/2-5... a crueza e realismo da linguagem expressam maravilhosamente as dimensões da infidelidade do povo de Deus. Só nesta perspectiva se podem abordar sem escândalo muitos dos textos citados.

([18]) Ct. Isaías 23/17; Ezequiel 16/26; 23/19-21.

([19]) Cf. Jeremias 30/17; Isaías 62/4; Miqueias 4/6; Sofonias 3/19...

([20]) A insistente observação dos profetas quanto ao «Reino Futuro» não exclui um presente domínio régio de Deus sobre o seu povo com o qual entabulou relações imutáveis, apenas insinua uma quebra de exercício do poder e a consequente dispersão da grei israelita. O tema da regeneração de Israel enche as páginas dos escritos proféticos. Abundam os textos que ilustram a nossa referência. Entre eles avultam os «livros de consolação» a Israel a partir de Isaías 40/-; Oseias 14/2 e sgts.; Joel 4/18...; Amós 9/11...; Sofonias 3/11...

(21) Cf. Grandmaison, op. cit., I, pág. 272.

(22) Ao contrário de toda a literatura nacional e popular de que os Evangelhos se fazem eco, Filon e Flávio Josefo apresentam uma imagem vaga, esbatida e episódica do Messias. Josefo não hesita mesmo em situar as promessas messiânicas na dinastia dos Flávios. Compreendem as suas intenções, e é tudo...

(23) Cf. Mt. 4/23; 9/35; Mc. 1/15; Luc. 4/18, 43...

(24) Cf. Grandmaison, op. cit., I, pág. 383.

(25) Cf. Mt. 16/18; 18/16; 28/18-20...

(26) O «dia de Iahwé» torna-se o «dia do Filho do Homem»...

(27) É um facto que o mundo, ou mais especificamente a humanidade, por permissão de Deus e demissão do homem se tornou terra de maldição, posse de Satanás por direito de conquista. Mas o «príncipe deste mundo» será deitado fora (João 12/31 e 14/30) ele mesmo cavará a sua ruína — é esta a grande certeza da Encarnação e a grande táctica de Deus. Já alguém dizia que toda a vitória sobre Deus era um desastre... Nos Evangelhos abundam os prenúncios deste desenlace mesmo antes de chegar a hora da «potência das trevas». Logo de começo somos lançados no caminho da Esperança... (Cf. Parábolas, Mt. 13/19-30); exorcismos (Mt. 8/29; Mc. 1/24; 5/12; Luc. 4/34 e 8/31); missão dos Apóstolos (Luc. 10/19; Mt. 10/1); promessa de infalibilidade (Mt. 16/18). A nossa vida, lembra S. Paulo, terá de ser uma acção de graças contínua a Deus Pai... «qui eripuit nos de potestate tenebrarum et transtulit in regnum Filii dilectionis Suae...» (Col 1/13).

(28) Síntese elaborada à base do «Ditionnaire de la Bible». Cf. A. DESCAMPS: **Esquisse du Christianisme primitif»** in **Revue Dioc. de Tournai,** I, 1946, pag. 489).

(29) Cf. Mt. 24/1; Mc. 13/2; Luc. 13/35; 21/6.

(30) A. SCHWEITZU, **Geschichte der Leben-Jesu-Forschung** Tubinga, 1913, capt. XXI e XXV.

(31) Cf. GRANDMAISON, op. cit., II, pág. 294-95.

Um dos ensaios para reconstituir um pequeno apocalipse judaico que teria servido de trama às palavras autênticas do Senhor é o do **R. H. CHARLES** que pretende ver nos versículos, 7-8; 14-20; 24-27;30,31 do capítulo XIII de Marcos e os respectivos paralelos de Mt. e Luc. um conjunto de inserções desse género — **The Revelation of. S. John** Edimburg, 1942, I, pág. 158.

(32) **Ditionnaire Biblique.**

(33) LEPIN, **Jésus, Messie et Fils de Dieu,** pág. 401-402.

(34) GRANDMAISON, op. cit., II, 252.

(35) Trata-se da ciência vulgarmente conhecida entre os teólogos por «Ciência Económica» a transmitir à Igreja. Karl Adam com inteira propriedade chama-lhe «o Testemunho mais insofismàvelmente autêntico de Jesus»...

(36) Cf. Mt. 22/44, 48; 25/6, 19; Mc. 13/35; as parábolas da vigilância e as parábolas que insinuam uma lenta difusão do Reino de Deus (Mt. 13/24, 31 e sgts.).

(37) Cf. 1.ª Tessal. 1/10; Filip. 3/20; 1.ª Corint. 7/29-31; 1.ª Pedro 1/6-7; Roman. 8/18, 22...

(38) LOISY, **Mistères païens et le mistère Chrétien.**

(39) DUCHESNE, **Histoire Ancienne de l'Eglise,** I, Paris, 1906, pág. 9.

(40) C. JOSÉ FALCÃO, Introdução ao Evangelho de S. João pág. 296-297.

(41) Vide Dan. 2/18, 19, 27, 30; 4/6; 2.ª Macab. 13/21; Mt. 13/11 Mc. 4/21; Luc. 8/10.

(42) Sobretudo os três primeiros capítulos da Epístola aos Efésios.

(43) Cf. 1.ª Corint. II/-.

(44) Cf.GRANDMAISON, op. cit., II, pág. 532.

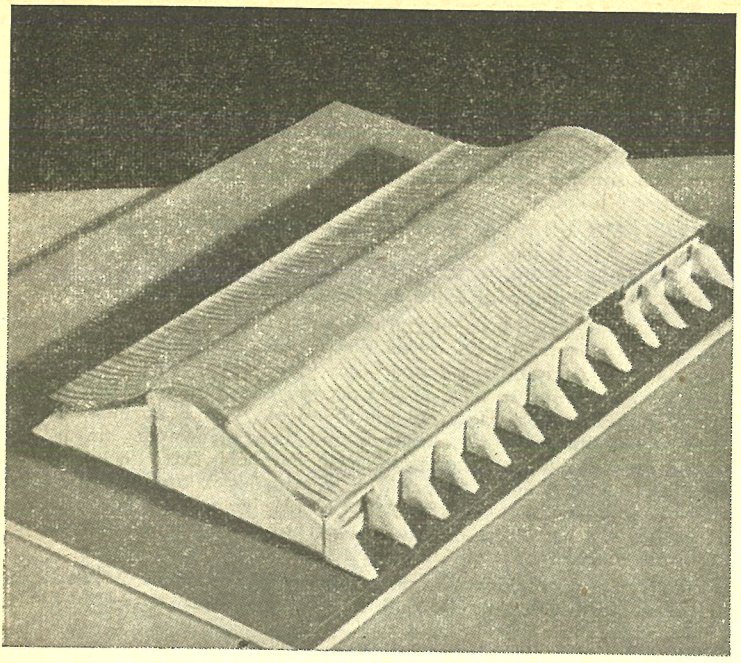
(45) Cf. KARL ADAM, op. cit., pág. 351.

(46) ...«Por uma multidão» não por oposição a todos os homens mas com um só Redentor.

(47) S. Paulo insiste sobretudo no pensamento da universalidade do pecado (Rom. 5/12 e 2.ª Corint. 5/21) na oposição do pecado e da justiça (Rom. 5/17), na transformação do pecador numa nova criatura regenerada e na incorporação vital em Cristo.

(48) Cf. ERW. ROHDE, **Psyche,** tr. W. A. Hillis, 1925, pág. 294-95.

(49) Cf. KARL ADAM, op. cit., pág. 358.



O PROBLEMA DAS IGREJAS PROVISÓRIAS

Fala-nos a revista ART-SACRÉ de Maio-Junho 1958, n.º 9-10, dum problema que embora não seja ainda conhecido entre nós, nem por isso deixa de ter razão pô-lo. É o problema das capelas provisórias ou para empregar o termo que eles usam e para o qual não encontro tradução feliz, capelas de «secours». Ou por razões económicas, ou por desconhecimento do futuro desenvolvimento (ao menos provável) da comunidade, há necessidade de recorrer a lugares de culto de carácter provisório em certos locais. Tais lugares de culto têm a vantagem de poderem ser ràpidamente montáveis em caso de urgência, dão tempo a que se pense melhor nos planos para a futura igreja definitiva, feita esta podem servir para outros fins, inclusivamente Salões paroquiais, ou enfim, serem levados para serviço doutra comunidade em formação. Muitas outras conveniências se poderiam encontrar nestes casos mas estas bastam para nos convencermos como de facto isto que, em França e na Alemanha vai tendo grande incremento, é algo a pensar entre nós, uma vez verificadas as condições acima apontadas ou outras para as quais esta seja a melhor solução.

Mas surge daqui um problema imediatamente: São estas igrejas apenas uma solução de urgência e à falta de melhor e portanto incapazes de possuir a dignidade devida aos lugares do culto cristão, ou podem à sua maneira preparar os homens de hoje para o essencial da mensagem evangélica? Há pois que analisar quais são os valores a existir nos templos cristãos, para estes serem autênticos e verificar se eles podem ou não ser realizados em igrejas com as características acima citadas.

É isto que o P.e COCAGNAC faz no estudo que abre a revista. Analisa quais os valores naturais nascidos do sentimento religioso, valores esse velhos como o mundo, e com base nestes elementos, estabelece os valores naturais e permanentes perfeitamente conformes com o espírito do Cristianismo e portanto a ser traduzidos na igreja.

Não interessa para o presente artigo expor aqui esse estudo do Rev. Director da Art Sacré, interessa-nos, sim, a conclusão a que ele chega e que passo a transcrever: «O espírito da igreja cristã está inteiramente contido neste texto da Epístola aos Hebreus: «Cristo vindo como pontífice dos bens futuros, atraversando o tabernáculo maior e mais perfeito, que não é feito por mão de homem, isto é, que não é desta criação, entrou uma vez por todas no santuário, não com sangue de bodes e touros, mas com o seu próprio sangue, tendo-nos adquirido uma redenção eterna». A Igreja cristã inspira-se nesta verdade de fé: Cristo, Deus feito homem, abriu-nos o santuário celeste e Cristo que prolonga a sua presença temporal nestes sacramentos, habita igrejas terrestres de que ele faz limiar do santuário celeste onde se desenrola a liturgia definitiva. Os traços novos da igreja cristã são: a Sua HUMANIDADE sinal da humanidade gloriosa de Cristo; a sua ABERTURA sobre um santuário definitivo; o Seu aspecto CELESTE por uma espécie de reflexo da glória na qual ela introduz». Portanto, como conclui o autor, «um lugar de culto muito austero, com o santuário escondido e de aspecto miserável arrisca-se a não ser um lugar de culto cristão».

1. A Igreja está cheia de Humanidade. Apenas duas notas que o demonstram. Ela é o lugar da refeição sacrificial da ceia, instituída por Cristo para perpetuar pela contínua renovação o seu sacrifício. Essa refeição teve um carácter familiar de adeus do Mestre; foi assim que ele a quis. É também o lugar do perdão a administração de certos sacramentos estabelece um misterioso contacto com o Cristo misericordioso. «A ternura e bondade de Cristo curando os doentes ou multiplicando os pães para algumas dúzias de famintos deve reencontrar-se na nova igreja».

2. A Igreja é aberta. «O santuário da igreja cristã já não é o santo dos Santos». O véu do templo rasgou-se. A nave deve ser ampla e toda orientada para o Santuário.

3. A Igreja abre-se sobre o céu e reflecte a sua glória. Na verdade a igreja da terra está intimamente ligada e orientada para a Jerusalém celeste onde se desenrola a liturgia definitiva de que Cristo glorioso é o centro. Isto que se deve sentir em todo o templo deve existir sobretudo no santuário. Os meios plásticos que hão-de exprimir a sua glória não têm necessàriamente de ser sumptuosos e ricos, pelo contrário, igrejas despojadas e pobres podem, perfeitamente, reflectir esta glória.

As capelas provisórias também podem sem dúvida exprimir e servir estes valores. É certo, diz o articulista, termos como desmontável provisório andam muito ligados na nossa imaginação às barracas de circo; e é precisamente de todas essas imagens que nós as temos de despojar, assim como da ideia de pobreza importa desligar a miséria. A pobreza e o carácter transitório não são incompatíveis com a natureza essencial da igreja cristã. Pelo contrário quando despretensiosa e clara-

mente aceites podem criar um ambiente de espiritualidade cristã ausente em certos templos definitivos e ricos. É isto que é demonstrado na revista pela apresentação de algumas realizações com tais características. Não se pretende diz o articulista dar soluções género receita, mas chamar a atenção e provar como a partir dos mesmos elementos construtivos se podem realizar obras muito várias e verdadeiras, todas elas servindo o espírito do cristianismo. Com esta mesma intenção vamos apresentar os exemplos da revista:

EXPERIÊNCIA FRANCESA

Solução de Jean Prouvé: tratava-se de realizar capelas ou igrejas com possibilidade de deslocação, portanto de construção ligeira, montagem simples e rápida e máxima recuperação na desmontagem. Após estudo foi adoptado o seguinte princípio construtivo: esqueleto metálico formando uma vasta nave de secção triangular com o altar ao fundo. Sobre este ligeiro esqueleto assentam dumas grandes lajens de madeira que incluem o isolamento térmico e impermeável e constituem as paredes laterais. Estas lajens apoiam-se na base sobre pequenos muros verticais (2 metros de altura: o suficiente para permitir a circulação junto das paredes). Nestes muros que comportam pequenas aberturas para a luz, podem abrir-se saídas laterais de emergência. A forma da capela é, portanto, sensìvelmente semelhante às tendas de campismo. Todos os elementos destas capelas podem ser pré-fabricadas, excepto os muros laterais que o podem ser ou não. Se forem pré-fabricados e não em alvenaria como em cima se supõe então as cargas das paredes laterais serão absorvidas, não por eles, mas pelas vigas metálicas do esqueleto, que se prolongarão até ao chão. Nesta ordem de ideias diz a revista que três destas capelas foram encomendadas para Forbach.

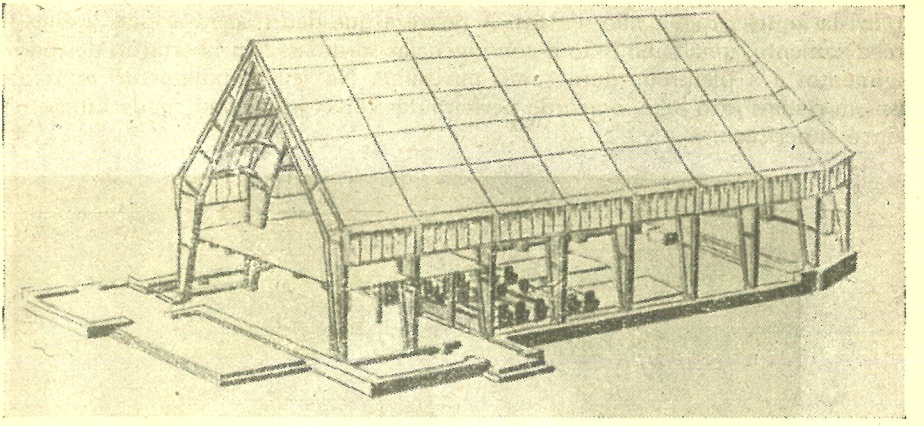
Projecto de Jean Rouquet (1.ª fotografia). Passo a traduzir o comentário da revista: Este projecto responde a um problema muito semelhante ao precedente: capela de 400 ou 500 lugares utilizada durante a construção da igreja definitiva e podendo ser deslocada em seguida para servir numa outra paróquia, ou como local de trabalho. É, no entanto, mais completa pois compreende também um pequeno presbitério com escritório, sala comum, cozinha, dois quartos, casa de banho. Mais três pequenas salas de catequese podendo transformar-se numa só, graças a paredes móveis. A iluminação é assegurada por uma pequena fresta transparente no cimo da cobertura e por uma banda vidrada entre os muros e o tecto.

O arquitecto insiste sobre o facto desta construção não ter sido concebida como lugar de culto definitivo. É simplesmente projectada como uma construção polivalente podendo abrigar dignamente, por alguns anos uma comunidade cristã em formação.

EXPERIÊNCIA ALEMÃ

Otto Bartning o arquitecto alemão que realizou esta experiência diz-nos que utilizou três séries de modos de construção:

A princípio pré-fabricava apenas as traves mestras, o esqueleto. O resto ficava a cargo da iniciativa da comunidade a fim de que esta tivesse a impressão de ser



ela a autora da sua igreja. Cada elemento da estrutura-base era montado em cinco minutos ficando toda a estrutura da igreja montada em quinze dias. Quando se conseguia pôr toda a comunidade a trabalhar e interessada, a parte não pré-fabricada chegava a custar metade do que se gastava em outros lugares onde tal não sucedia.

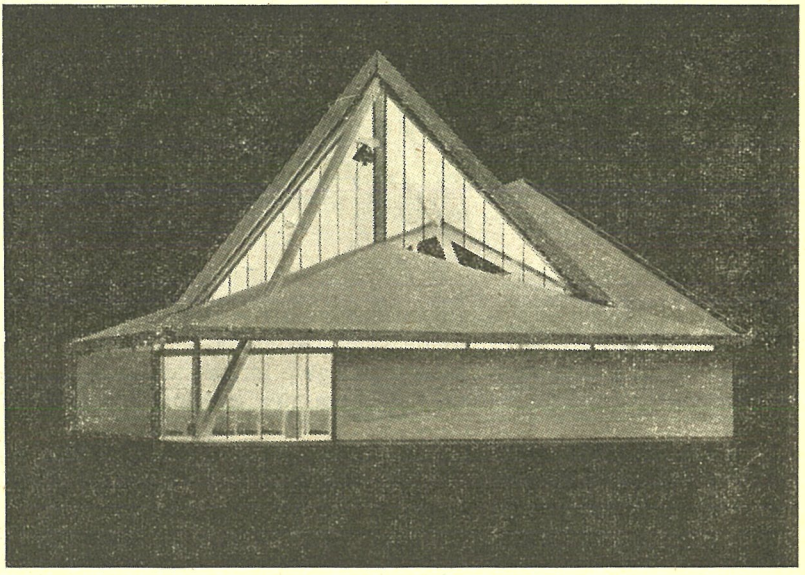
A segunda série constituiu uma lamentável experiência: Otto pré-fabricava também as paredes. Além de ser mais dispendioso, este processo anulava a iniciativa e o interesse daqueles para quem a construção se visava.

Voltou portanto a combinar numa terceira série a pré-fabricação com a construção. Estas igrejas chegaram a custar 60 % do que custariam uma vez construídas segundo os meios habituais. Não será necessário comentar esta experiência, pois ela fala por si.

Completando este número da revista, aparece o número seguinte — Julho-Agosto de 1958, N.º 11-12 — que apresenta realizações e projectos de igrejas económicas e permanentes, também pré-fabricadas. As capelas atrás faladas, eram concebidas, talvez, mais em função do preço de custo, que da vida litúrgica. Esta tinha de se adaptar aos planos segundo as possibilidades. No entanto, pergunta-se se gastando um pouco mais não será possível conceber igrejas funcionalmente ordenadas à vida litúrgica e sacramental. É a isto que a revista procura responder pela apresentação de alguns exemplos. Assim diz o articulista: «No domínio dos estudos, Rainer Senn e Edouard Albert, propõem-nos obras não só muito interessantes em si mesmas, mas ainda susceptíveis de abrir todo um domínio de investigações. Com expressões diferentes, mas num mesmo espírito de rigor técnico e sensibilidade poética estes dois arquitectos, imaginaram edifícios duma admirável flexibilidade de utilização. Tabiques móveis ou cortinados, permitem unificar ou diversificar à vontade os anexos, sem tocar na unidade da igreja fortemente centrada sobre o altar. Falou-se muito de igrejas extensíveis. Parece que temos aqui as primícias.

Como falar da qualidade espiritual destas diversas realizações? É inútil tentar

explicá-la àqueles que a não sentem. A pobreza que deu origem a estas igrejas não é rebaixamento, uma submissão a contingências sórdidas. É a libertação de todos os fingimentos e a plenitude dum canto puríssimo. No seu despojamento estas obras possuem o mais raro luxo, o acordo perfeito das coisas justas onde nada falta e onde nada é supérfluo».



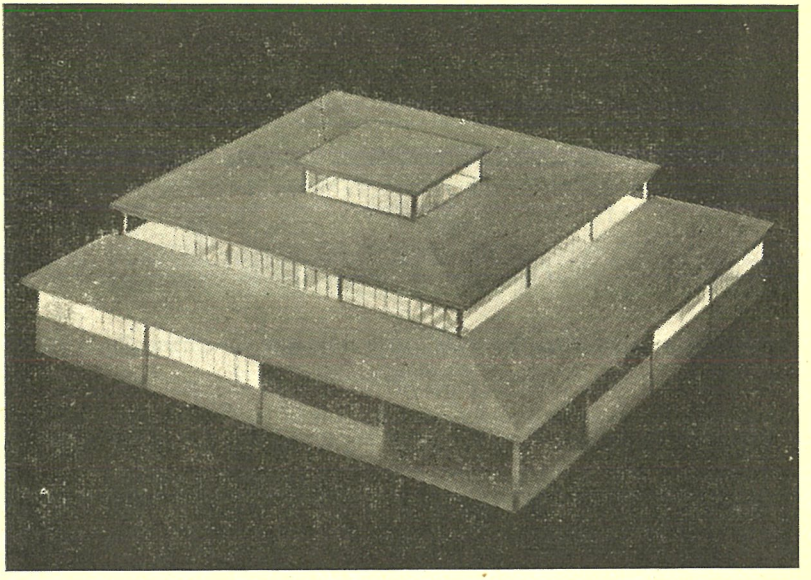
Os meus diversos projectos de igrejas são baseados sobre a mesma ideia fundamental. A igreja é o lugar onde se reunem os homens que crêem em Deus, onde se forma uma comunidade com um centro comum.
O que me preocupa, é a assembleia orientada para o centro. Por um lado tenho-o posto em evidência no plano, pela ordenação central dos bancos, por outro lado valorizo o centro especialmente pela iluminação.

RAINER SENN

Rainer Senn é um jovem arquitecto suíço. Esta sua igreja tem por base um plano quadrado em cujos vértices assentam quatro traves que se vão unir todas no mesmo ponto formando uma pirâmide. Duma destas traves é suspenso como se vê na fotografia, o sino, evitando assim despesas com a torre. A luz está estudada de maneira a concentrar-se sobre o altar. As traves serão em madeira ou aço conforme as dimensões da capela. O tecto apoia-se sobre a pirâmide e os pilares colocados atrás dos muros. Estes são apenas um revestimento. Prevê 500 lugares.

Do mesmo arquitecto temos este projecto. O plano médio da fotogravura representa o da igreja pròpriamente dita, que tem por base um quadrado, o que

facilita a pré-fabricação dos elementos construtivos. O plano mais baixo encerra os anexos: capela de semana e duas salas de catequese. Estes anexos têm a vantagem de ter tabiques móveis, podendo em dias de grande afluência ser abertos, aumentando assim a capacidade da igreja de 520 lugares para 800. Como a fotogravura deixa prever uma vez abertos esses tabiques fica-se orientado para o altar pois este ocupa o espaço correspondente ao plano mais elevado. Esta igreja pode também ser inteiramente pré-fabricada.



UM ESTUDO DE EDOUARD ALBERT

Finalmente este arquitecto apresenta-nos uma igreja de forma redonda, que adoptou por parecer mais religiosa em si mesma. Além disso é ainda a mais económica pois exige menos fachada (elemento caro) e permite a pré-fabricação em série das asnas do telhado. Estas distribuem-se partindo dum eixo comum, formando assim uma espécie de guarda-chuva. O tecto é em madeira e a cobertura externa é de fibro cimento. Internamente há uma outra circunferência concêntrica com a externa, que delimita o espaço da igreja pròpriamente dita. À volta em anel ficam as salas de catequese, capela de semana, sacristias, escritório, salas de reunião e arrumação. Como a separação entre os anexos entre si, e os anexos e a igreja pròpriamente dita, é feita por reposteiros, em caso de afluência pode ser anulada; aumenta-se assim a capacidade.

NOTA: *Esperamos, na medida do possível, e num próximo número aplicar estes princípios ao caso português.*

CARLOS PESSOA PAIS

PANORAMA:

O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

Por nos parecerem muito oportunos também em Portugal dois artigos publicados na «Paroisse et Liturgie» de Maio de 1958, resumimo-los para os leitores da **Novellae Olivarum.**

Intitula-se o primeiro: «Que poderemos dizer de certo sobre a Confirmação?» Trata-se de um pequeno apanhado da Teologia do Sacramento da Confirmação, feito por D. Th. Maertens. O segundo é constituído por um plano de retiro preparatório para o Santo Crisma, da autoria de D. Daniel Scheyven, que muito pode ajudar também para um estudo mais cuidado deste Santo Sacramento.

I — O que podemos dizer de certo sobre a Confirmação?

A Confirmação é um Sacramento. Eis uma verdade certa e de fé. Discute-se porém hoje em dia, e os teólogos estão ainda longe da síntese definitiva, sobre o que de específico tem este Sacramento. Por falta dessa base nota-se, por vezes, na administração deste Sacramento, um certo descuido, deixando a sua Celebração muito a desejar. Os pastores de almas, porém, não podem estar à espera de que os teólogos resolvam todas as dificuldades. Por isso apresentam-se dois ou três pontos sólidos, seguindo não tanto as opiniões dos teólogos, mas a tradição e o sentir comum da Igreja.

Tem-se dito muitas vezes que a Confirmação era um rito de incorporação no povo de Deus. Faz-se da Confirmação o rito do Apostolado, da Acção Católica nomeadamente. Mas isso não competirá mais à Eucaristia que é a fonte do zelo cristão e do apostolado?

Insiste-se, por vezes, no aspecto da Comunicação do Espírito Santo. Mas então o Baptismo não o comuniou já? Em nome de quem fomos, pois, baptizados?

Quanto à comunicação do Sacerdócio aos fiéis não vem ela do Baptismo também?

Creio que não será boa solução procurar o que de específico tem o Crisma arrancando-o daquele conjunto que formam os três Sacramentos da INICIAÇÃO CRISTÃ: Baptismo, Confirmação, Eucaristia. Por conseguinte, sendo a Confirmação um Sacramento distinto do Baptismo e da Eucaristia, todavia não se explica senão em estreita relação com eles. Importa pois que ao transmitirmos aos fiéis a Teologia deste Sacramento, não o desliguemos dos outros de que este é a «Confirmação», a «Plenitude». Desta maneira a catequese da Confirmação situa-se no âmago dos grandes temas da iniciação cristã: INCORPORAÇÃO NO POVO DE DEUS. Ao entrarmos no povo de Deus encontramos no nosso caminho, por

ordem ascendente, os diversos graus de hierarquia: o padrinho, o exorcista, o diácono, o padre, o Bispo (na Confirmação), enfim Cristo (na Eucaristia). Antes de Confirmado, o fiel é para a Comunidade Cristã uma espécie de noviço, que fazendo já parte de uma comunidade religiosa, não exerce nela plenos direitos, nem tem voz activa nas suas assembleias.

MATURIDADE CRISTÃ. O cristão só atinge a plena dignidade de Filho de Deus depois de Confirmado. A sua função não é sòmente a da Acção Católica, mas a do Testemunho, a da perfeição cristã com tudo o que ela implica de força.

SACERDÓCIO REAL DOS FIÉIS. Desde que foi confirmado o cristão está investido de um «sacerdócio real». Ainda que seja verdade que o cristão já está revestido desse sacerdócio desde o Baptismo, no entanto só pela Confirmação lhe compete como função comunitária.

SINETE DO ESPÍRITO. É certo que no Baptismo já recebemos o Espírito Santo. Mas toda a vida evolue, cresce, desenvolve-se. A Confirmação acaba o desenvolvimento assegurando-lhe o dinamismo necessário.

Completa em dignidade e em função eclesial a purificação do Baptismo.

II — Plano de Retiro Preparatório

A) ENTRADA EM RETIRO

1 — Act. 1-5: «É no Espírito Santo que vós sereis baptizados». Act. 1-8 «Ides receber uma **força,** a do Espírito Santo que descerá sobre vós. Dareis então testemunho de mim até aos confins da terra». Catolicidade e Apostolicidade da Igreja. Act. 1-22: «Um que se torne connosco testemunha da sua Ressurreição». — Lugar central da Páscoa no Mistério Cristão.

2 — Act. 1-14: **a**) num só coração — Sentido da Comunidade e do Amor; **b**) assíduos na oração; **c**) com Maria.

B) TEMA DO ESPÍRITO NA SAGRADA ESCRITURA.

Com certa solenidade. Uma Bíblia de grande formato numa estante, um leitor de alva, um sacerdote que explique e faça a ligação dos textos fazendo sentir a sua progressão.

1 — O sopro e o Espírito de Deus. (Gen. 1-2; 2-7; Joel 3-1-5, Act. 1-4-6 e outros mais) — Conclusão: A Confirmação será o nosso Pentecostes.

2 — O Espírito Vivificador

— O Espírito é uma pessoa divina. Act. 5-32.
— O Espírito é dado a todos os homens, Act. 2-14 ss.
— O Espírito no Mistério da Encarnação. Luc. 1-2 e Mat. 1-2.
— O Baptismo de Jesus e sua unção pelo Espírito.

C) O BAPTISMO (uma ou duas pregações)

1 — Contar como se fazia o Baptismo dos Adultos nos primeiros tempos.

a) A fé é uma luz, (Jn. 9 e Mc. 7);
b) O Baptismo é um combate entre Deus e Satã — Renovação das Promessas do Baptismo na noite Pascal;
c) O Baptismo — mistério da água (Gen. 1-2 dilúvio — mar Vermelho — Baptistério.) — Não é sòmente um remédio — História de Naaman — Mas uma travessia. — o Baptismo é Morte e Ressurreição.
d) O Baptismo faz-nos cristãos:
— filhos de Deus; (Jn. 1-12, Jn. 3)
— outros Cristos; Gal. 2-20)
— é o ingresso no povo de Deus; (Col. 1-13)
— faz-nos pedras vivas da Igreja; (I Pet. 2-4-10)
— carácter Baptismal e Unção com o Santo Crisma que anuncia a Unção da Confirmação;
— faz-nos peregrinos em busca do Céu. (Heb. 13-14)

2 — Tocar em alguns pontos do Baptismo estudados na Moral: Baptismo de urgência, padrinhos, etc.

D) A CONFIRMAÇÃO EM GERAL

1 — A Confirmação completa o Baptismo — sua ligação.
— «Sem Confirmação o Baptizado é um cristão inacabado». (Martimort)
— Baptismo — Confirmação, etapas para a Eucaristia.

2 — A Confirmação completa a nossa incorporação no Povo de Deus e confere o direito de participar em plenitude na Eucaristia.
— Dignidade e responsabilidade de testemunhas de Cristo no seio da Comunidade Cristã.
3 — A Confirmação unge-nos reis, sacerdotes e profetas.
4 — A Confirmação grava em nós o sinal da Cruz de Cristo, (carácter).
5 — A Confirmação, sinete do Espírito confere-nos o Espírito Santo em plenitude. É este Pentecostes, continuado pela imposição das mãos que dá à Igreja a sua feição de «dinamismo» e de «perene juventude» e a faz viver numa constante «tensão escatológica».

E) A CONFIRMAÇÃO COMO UNÇÃO REAL, SACERDOTAL E PROFÉTICA

1 — Contar como se faz o Santo Óleo do Crisma.

2 — Contar — A unção real de David.

3 — Jesus Cristo foi ungido pelo Espírito Santo (Baptismo).

— Jesus é Rei — (Jesus diante de Pilatos).
— Jesus é Sacerdote — (Ps. 109 e Hebr.)
— Jesus é Profeta — (Jn. 4-19

4 — Jesus comunica o seu Espírito no Pentecostes, que depois foi transmitido pela imposição das mãos.

5 — O cristão é ungido pelo Espírito Santo.

— Já no Baptismo
— Na Confirmação
— Completando-se na Ordem.

6 — Pela imposição das mãos pelo Bispo e unção do Espírito Santo, Deus deposita em nós um Espírito de força para amar e exercer domínio sobre si.

A. Um Espírito de Amor.

— O Amor é a plenitude da Lei de Cristo. Deus é Amor.
— Exprimir o seu Amor — Oração.
— Permanecer no Amor — Estado de graça.
— Alimentar o seu Amor — Sacramentos.
— Deixar-se guiar pelo Espírito Santo (I Th. 5-19)

B. Um Espírito de domínio sobre si — combate para uma vida nova em Cristo.

— O trabalho (II Th. 3-12)
— Domínio da carne — humildade pela obediência, luta contra a preguiça, luta pela castidade, justiça, lealdade, pobreza, contra o defeito dominante.

C. Amor aos outros.

— Caridade no retiro.
— Caridade nos diferentes meios de vida.

F) CARÁCTER DA CONFIRMAÇÃO E MISSÃO DO CONFIRMADO.

1 — Marcado para sempre com o sinal da Cruz de Cristo.

— Cerimónias essenciais da Confirmação.
— A Cruz sinal de sofrimento (Mc. 8-34-36); de vitória — Texto de S. Basílio; de glória — Selo de Deus Vivo no Apocalipse.

2 — O carácter faz-nos semelhantes a Cristo e participantes de si.

— Já vimos atrás em que sentido.
— Vida Litúrgica.
— Vida comunitária — apostolado.

3 — Missão do Confirmado.

— Testemunho de Cristo
— Profeta do Evangelho.
— Defensor da fé.

G) A EUCARISTIA TERCEIRO SACRAMENTO DA INICIAÇÃO CRISTÃ.

1 — Sacrifícios no Antigo Testamento.

2 — Santa Missa.

— Última Ceia (oblação) e Calvário (imolação)
— Ressurreição e Ascensão — Jesus é Sacerdote e Vítima para sempre. (Ap. 4 e 5)
— Na Eucaristia o confirmado tem um papel activo: Sacerdócio dos fiéis.

3) A Comunhão Eucarística — História de Elias (I R. 19)

— Missa e Comunhão aos Domingos.
— Estado de Graça para comungar.
— A Eucaristia Sacramento da unidade Cristã.
— Pão — alimento quotidiano.
— Remédio para a Eternidade.
— Inserção no sofrimento de Cristo.

4) Como tomar parte activa no culto litúrgico do Povo de Deus?

—Acolitar.
— Participar activamente nas missas paroquiais, (dialogadas, etc.)
— Espírito Paroquial.
— Tomar parte activa nas celebrações litúrgicas, Semana Santa, etc.

A. Ramos Fontes

Bibliografia

LES OUVRIERS ET LA VIERGE-MARIE

R. P. GERLAND, O. P. (¹)

O segundo volume da colecção «L'Eglise et le monde ouvrier», continua o primeiro «Quand les ouvriers prient», (do Cónego Barrau) procurando este novo volume, encarar de modo especial a devoção a Nossa Senhora, daí o título: «Les ouvriers et la Vierge-Marie».

Começo por dizer que tem um valor pastoral diferente de outros livros dada a perspectiva pouco comum em que o autor se colocou ao elaborá-lo, pois tem como ponto de partida a reflexão dos militantes da Acção Católica Operária de França, aplicando também aqui o método tão característico da «revisão de vida».

Ao prepararem o Centenário de Lourdes, todos se colocaram perante Nossa Senhora, repensando à base dum inquérito lançado por «Témoignage» o Mistério de Maria com todas as implicações que daí advinham para a sua vida de cristãos e apóstolos.

O livro é portanto o resultado do esforço de muitos e tem um sabor novo até porque apresenta testemunhos numerosíssimos e variados, cheios de cor, simplicidade e vida próprias daqueles que os deram. Esforço real porque, como diz certa mãe, foi feito quando os 2 filhos lho permitiram na ausência de 3 semanas passadas em casa da família.

Algumas reflexões e um conspecto geral do livro.

O primeiro capítulo apresenta-nos o assunto: a devoção à Virgem Maria dos militantes da Acção Católica Operária. Consideram estes Nossa Senhora a Admirável, a que é Mulher como todas as mulheres e que é Mãe, e verificam que para muitos a devoção à Virgem foi uma autêntica descoberta, onde a acção do Padre muito se fez sentir. Outros há, contudo, para quem esse amor nasceu com eles próprios. E reconhecem que importa tirar uma conclusão: a Virgem não ocupa ainda o lugar que lhe pertence na Acção Católica Operária.

No segundo capítulo o autor discorre um pouco sobre as «expressões da devoção dos militantes», dando casos concretos do culto privado, pessoal e familiar. Por exemplo, a peregrinação anual duma família ao santuário mariano próximo para colocar sob a protecção da Senhora o seu apostolado (os pais) e os seus estudos (os filhos) ou a devoção de Maio e Outubro dum outro casal, etc..

Entrando mais na profundidade vem o terceiro capítulo «a descoberta da Virgem Maria». Verificou o autor que, por vezes, a devoção é ainda muito conceptual e, por outro lado muito sentimental, mesmo em família. Nossa Senhora, porém, exerce uma atracção muito particular; nela há o sagrado, algo de escondido, é como as outras mulheres mas ultrapassa-as porque é mãe de Deus. O problema da iniciação na fé, parece ser menos difícil em alguns casos se se começar por Maria: o conhecimento por experiência pessoal e por afinidade é mais fácil.

É nesta altura que surge o problema da mensagem do Padre. O autor claramente afirma, baseando-se nos testemunhos recebidos que a devoção dos cristãos à Virgem é em grande parte tributária do esforço dos Padres. Neste «processus» da descoberta da Virgem, é interessante verificar como captam as intuições fundamentais do Mistério—a Mediação de Nossa Senhora, a sua inseparabilidade de Cristo, — e um ponto que toca mais de perto: a Senhora é a militante perfeita por todo o seu comportamento.

Há também obstáculos a uma verdadeira devoção à Virgem (quarto capítulo) que devemos ter muito em conta na nossa pregação e actuação. O primeiro, é que não se ama quando não se conhece, ou se conhece mal. Assim com Cristo e a classe operária.

(¹) Les Éditions Ouvrières, preço 375 frs..

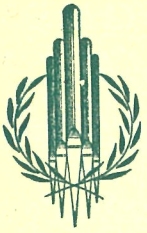
O segundo, já acima apontado como um valor, é falar de Nossa Senhora separando-a de seu Filho. Um terceiro, sobre as fórmulas, que muitas vezes eles não compreendem, tomando a decisão lógica, ainda que apressada, de não as dizer. Um quarto — o aspecto irreal de muitas imagens da Virgem: poucas exercem atracção nas raparigas, não deixando de notar as «mentiras» dos pintores da Renascença.

O terço e sua recitação também foi estudado. Aos militantes põe-se o problema de concertar as duas exigências de verdade na oração e docilidade a um conselho prudente. Procuram resolvê-lo do único modo possível: pela reflexão e pelo amor, tendendo mais aos actos interiores e acabando quase com as fórmulas, que aliás são sempre uma ajuda.

Outros problemas levanta ainda o livro: Nossa Senhora e a pobreza, a alegria, S. José... Ressalta de todo ele a afinidade dos trabalhadores com Nossa Senhora; entre eles e a Senhora há uma igual condição de vida e esta cria uma confiança sem limites que dá origem a um contacto íntimo, real, inserido na vida.

Para terminar este testemunho: «eu não saberei talvez responder bem às questões de «Temoignage» de Maio, mas eu amo muito a Santíssima Virgem, e gostarei muito que um livro possa ajudar os outros a amá-la. Se isto pode servir, eis simplesmente o que eu penso...».

AVELINO PINTO



ORGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O ÓRGÃO APROVADO PELO VATICANO

Casa Ruvina **- RUA FORMOSA, 173 — PORTO**

M. D'Oliveira & Marques, L.da



Praça dos Restauradores, 65 - 1.º

TELEFONE 30876 — LISBOA

Secção dos Tecidos Pretos R. M.

Tecidos p/ o Rev.º Clero e Seminaristas

◆

Elasticotines - Sarjas - Tropicais - Casemiras - Merinos - Sobretudos

◆

Alfaiataria - Capas - Gabardines

◆

Condições especiais para Finalistas

Secção de Livraria

Livros estrangeiros - Edições próprias

◆

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae - Foyer Notre Dame - Famille et College - Ecclesia - Panorama Chrétien, etc.

◆

Filmes fixos e de movimento: (Catequese - ensino - divertimento)

◆

Máquina de escrever «Antares Micron»

◆

Máquinas de Projecção

Viúva Macieira & Filhos

CASA FUNDADA EM 1804

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho

Armazém de papéis nacionais, estrangeiros e papelão

PAPELARIA

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Rua da Madalena, 10 a 22 - Telefones: P. P. C. A. 31731/2 - LISBOA

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

•

SERRALHARIAS

•

LISBOA
RUA DE S. TIAGO, 13

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª LIMITADA

Casa fundada em 1832

A casa mais antiga do País no seu género

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Lampadários, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado. CROMAR, PRATEAR, NIQUELAR, BRONZEAR.

166, RUA DO OURO, 170
17, RUA DE S. TIAGO, 19
LISBOA

Vendas a pronto e a prestações

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

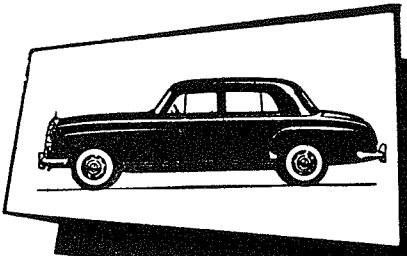
Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Exa. Revma. o Sr. Bispo do Porto

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE

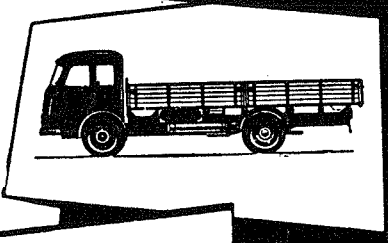
LISBOA
ROSSIO, 93-2.º

MERCEDES-BENZ

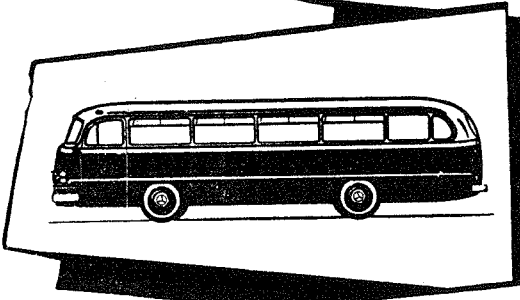
AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



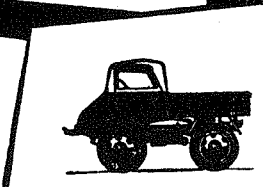
CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas



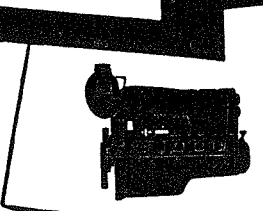
AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS
para todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO COIMBRA BRAGA